
ENSINO MÉDIO

– 3º ANO –

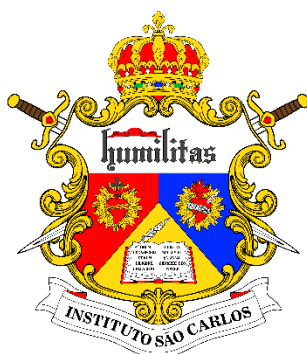
LÍNGUA

PORTUGUESA:

LITERATURA

VOLUME 1

Apostila do 3º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



The image shows a decorative book cover. It features a central rectangular label with a double-line border and a small cross at each corner. The label contains the text "LITERATURA – VOLUME 1" in a bold, serif font. Above and below the label are two identical, symmetrical, semi-circular decorative elements. The entire central composition is framed by a wide, ornate border. This border consists of a repeating diamond pattern on the outer edges, with a central band of intricate floral and scrollwork designs. The design is symmetrical and uses a dark brown color on a white background.

LITERATURA – VOLUME 1



AULA 02

CASTELO INTERIOR, DE SANTA TERESA DE ÁVILA

Nesta aula realizaremos uma atividade sobre este livro magnânimo, que reverbera atualmente nos lábios de todas as escalas intelectuais.

Leia o que a Santa nos diz:

“Surgiu-me o considerar nossa alma como um castelo todo de diamante ou de claríssimo cristal, onde há muitos aposentos, assim como no céu há também muitas moradas. E se bem o considerarmos, irmãs, a alma do justo não é outra coisa senão um paraíso, onde Ele diz que encontra suas delícias. Pois como imaginais o aposento onde um rei tão poderoso, tão sábio, tão limpo e tão bom se delicia?”

É necessário que estejais atentas a esta comparação; talvez dela Deus se sirva e a utilize para dar-vos a entender as mercês que Deus deseja dar às almas.”

Observe os comentários selecionados de sites, blogs a respeito desta grande obra do Espírito Santo:

– “Teresa nos dá um caminho belíssimo para chegar à santidade atrás da oração, caridade, humildade e principalmente o conhecimento de si mesmo. Um verdadeiro itinerário para a alma. Um livro feito também para meditação. (Angela)”

– “Impressionante a clareza de uma freira no século XVII! Teresa de Ávila descreve a evolução espiritual da alma de uma forma tão prática que convence-nos ser tal evolução – definitivamente – o fim maior da nossa existência neste mundo. Com razão foi declarada Doutora da Igreja ¡Gracias Madre!(Nalu).”

– “Esse livro é simplesmente perfeito. Qualquer análise ou resenha que eu faça, ficaria miserável perto da grandiosidade das palavras de Santa Teresa.

O que posso dizer é: leia e busque a santidade (Erick)”

– “Livro muito interessante e rico, porém tem uma linguagem um pouco difícil às vezes. (Bela)”

– “Este é com certeza um dos livros mais fantásticos que já li de espiritualidade. Santa Tereza relata com uma ternura perceptível e inegável o itinerário da alma ao entrar dentro de si mesma pela via do autoconhecimento e das mercês de Deus para com ela no objetivo de chegar ao aposento principal deste castelo e ao matrimônio espiritual com o Divino Esposo que se encontra nesta morada. Alerta também aos perigos que a alma corre, o que se pode encontrar em cada morada, as tentativas do demônio de apartar a alma dessa união com o Amado. Para nós principiantes da vida íntima e espiritual, nos fica o desejo de se aprofundar, um honesto conhecimento e domínio de si, a necessidade de grande vigilância mesmo no mais alto grau de oração e uma verdadeira e profunda humildade, pois Deus é íntimo da humildade e só concede às almas humildes essa mercê de adentrar em seus aposentos.(Andreza)”

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTOS 02

Tipo textual: pesquisa e resumo. Por meio da leitura integral do livro ou de uma pesquisa, escreva:

- No que consistem as sete moradas?
- Como cada uma pode ser alcançada?
- Curiosidades que mais lhe chamaram a atenção.
- Qual comentário selecionado anteriormente mais lhe chamou a atenção?



AULA 05

A LITERATURA CATÓLICA NO SÉCULO XVI

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: A CHEGADA DOS JESUÍTAS



Companhia de Jesus, instituição que existe até hoje, foi fundada por Santo Inácio de Loyola no ano de 1540. Santo Inácio viria a ser mais que o fundador, mas o espírito regente de toda a Companhia que permeava os demais membros através do cultivo dos mesmos ideais, isto é, o altruísmo, a missão evangelizadora, a dedicação ao estudo e à erudição.

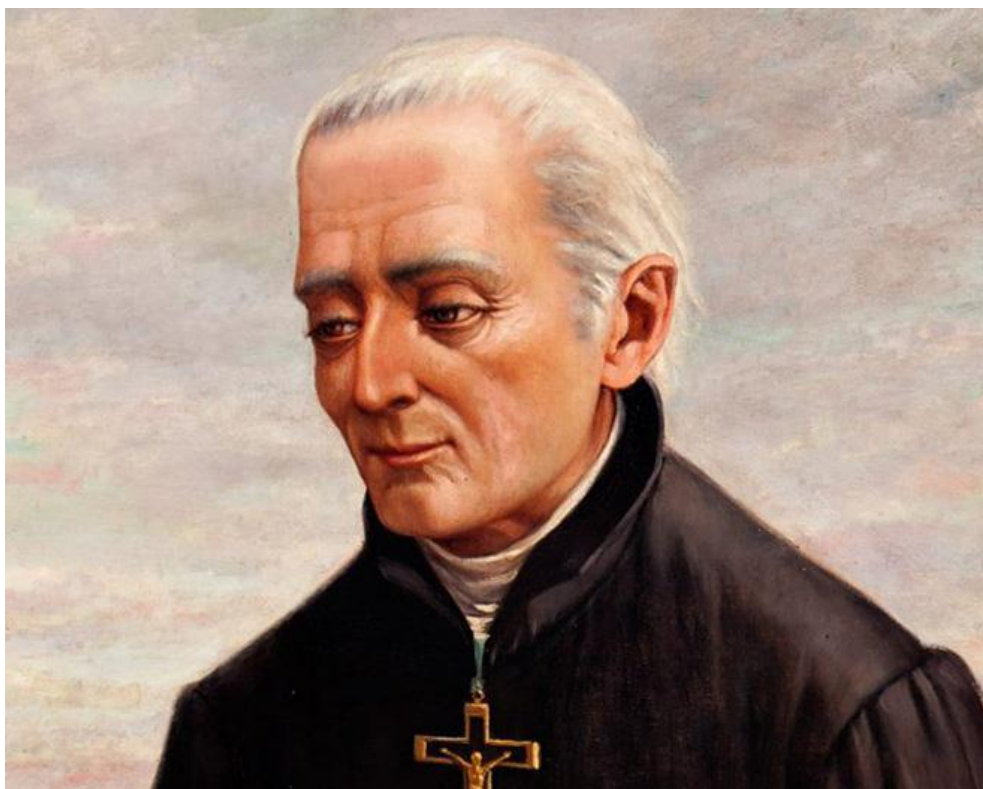
No ano de 1539, Dom João III, rei de Portugal, solicita a presença dos Jesuítas nas terras que Portugal havia aportado. No Brasil, durante o século XVI, o principal objetivo da Companhia era a catequização e conversão do índio; após, viria o ensino do português, a modificação dos hábitos selvagens e a mudança de outros aspectos de hábitos pagãos dos indígenas. Estes, pelos jesuítas, eram chamados de “Brasis”.

Os jesuítas construíram, na Terra de Santa Cruz, “aldeamentos”: agrupamentos ao redor dos colégios que fundavam. Nestes, o método de ensino era o determinado pelo Ratio Studiorum, que só teve versão definitiva em 1599. O Ratio estabelecia que o ensino era centrado nas “letras humanas”, nas “artes” e na “teologia”; estudava-se, assim, o latim, o

grego; a língua nativa dos índios, o português, questões teológicas, o dogma católico e muito além, dentre eles, os aspectos geográficos da Terra de Santa Cruz: a fauna e a flora; o clima... Esses foram alguns dos escritos do Padre José de Anchieta.

Uma das regras da Companhia de Jesus é de que todos aprendam a língua da terra em que residem. Sendo assim, os jesuítas tiveram de aprender o idioma dos índios nativos. Nessa tarefa, tem mérito imensurável o Padre José de Anchieta.

JOSÉ DE ANCHIETA, O APÓSTOLO DO BRASIL



“Um dia, pelos corredores da comunidade dos jesuítas em Coimbra, José se encontra com o seu superior que lhe pergunta:

— Como vai, José?

Ele imediatamente responde:

— Não muito bem, padre, os médicos dizem que tenho uma doença incurável.

O superior, olhando bem nos seus olhos lhe disse:

— Se o Senhor o quiser assim para o bem de sua Missão e de sua maior Glória, você aceitará?

A resposta positiva foi imediata.

O jovem Anchieta levantou a cabeça e dilatou o coração. Naquele momento difícil, de dúvida, de aparente fracasso, de encontro cruel com a própria debilidade, era forjado o homem que, dentro de alguns meses, colocaria seus pés numa caravela e partiria para sempre a fim de dar a vida pelo anúncio do Evangelho em nossa Nação.” (comshalom.org)

José de Anchieta foi o responsável, no ano de 1556, por ensinar o idioma tupi no Colégio da Bahia e pela elaboração de um “manual” de gramática tupi intitulado: “Arte da Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil”. Esta foi a primeira gramática da nossa terra!

Entendida a língua do povo, os jesuítas a disseminaram pelo território português e ela ficou conhecida como a “língua geral do Brasil”; desse modo, os padres seriam capazes de realizar a sua missão evangelizadora mais facilmente, porquanto, todos falavam a mesma língua e o catecismo deveria ser, apenas, transcrito.

Outros foram, todavia, os recursos que utilizavam os padres da Igreja, destacam-se, segundo o historiador Joaquim Norberto, peças teatrais para fins de catequização e elevação cultural; introdução musical, segundo o historiador Marcos Holler, também foi outro meio que os jesuítas utilizavam para inserir os índios no mundo civilizado.

Pouco seria possível, entretanto, sem o Padre José de Anchieta. Padre espanhol, nascido em 1534, Anchieta chega ao Brasil com apenas 20 anos e teve vida virtuosa narrada profundamente por um de seus biógrafos, o Padre Pedro Rodrigues.

Ainda no colégio de Coimbra, José de Anchieta começa a demonstrar uma inclinação às virtudes, por do modo que “edificava pelo exemplo”, ou seja, pelo modo que vivia, por exemplo, a modéstia. Isso se deu, segundo Padre Pedro, pelo seu desejo ardente de cultivar uma alma pura.

Anchieta teve saúde frágil, mas que nunca o impediu de cumprir seus deveres com a virtude da diligência: amando e realizando com constância. Como conselho dos médicos da Companhia, que, a essa altura, Anchieta já era membro, o então jesuíta é enviado às terras descobertas, porque aqui havia “fama de mais sadia, por causa dos mantimentos leves e dos ares mais benignos.”

Por ordem da Companhia de Jesus, portanto, José de Anchieta entra no Colégio da Bahia. No ano de 1567 foi para a Capitania de S. Vicente. Por onde passava e por onde estivesse, andava, o jesuíta, sempre em missão: confessando e dando o remédio da alma aos índios e a tantos outros que até ele vinham, apesar da sua saúde sempre debilitada.

De certo, seu vigor e disposição eram proporcionais a sua busca pela santidade, diz seu biógrafo:

“uma das cousas que muito realçar suas virtudes, oração e mais exercicios espirituales e o zelo das almas é que nunca suas indisposições lhe foram causa para se negar a nenhuma empresa desta calidade, ainda que muito trabalhosa [...]”.

Assim se desenvolveu seu espírito, sempre voltado a Deus, que o chamou em 9 de junho de 1597, quando o padre tinha 67 anos de idade; sendo 47 de Companhia e 44 anos na Província do Brasil.

Anchieta foi homem de muita oração, passando madrugadas inteiras em contato com Deus através da oração e teve, inclusive, episódios de levitação. Sua santidade adveio, de certo, dos seus votos de pobreza, castidade e obediência; das virtudes que vivia e da missão que assumia, além de, claro, das constantes Graças que recebia de Deus.

Tantas foram as graças que há relatos da realização de milagres pelo padre. Camila Pereira, moradora da Villa da Victoria na Capitania do Espírito Santo, estava com fortes dores de cabeça e, após a convocação da Unção dos Enfermos, José de Anchieta foi chamado. Após colocar as mãos sobre a cabeça da enferma e lhe prometer que não morreria naquele dia, o padre ofereceu uma Santa Missa pela doente que não tardou a melhorar e não ter mais a doença que tanto lhe causava sofrimento.

Os relatos se estendem até mesmo às situações em que estava em missão evangelizando. Houve eventos em que as suas lágrimas o impediram de ser morto pelos selvagens; outro evento, de acordo com Padre Pedro: José de Anchieta curou um índio leproso após o evangelizar e o batizar.

O jesuíta também foi poeta e dramaturgo; com amplo domínio lírico, sempre realizava sua obra para fins de servir a Deus. É o que se verifica em seu poema “Poema da Virgem”.



Escrito em latim na areia enquanto o padre estava em cativeiro dos índios Tamoios, o poema é um canto da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo que evidencia, quando se considera a circunstância que foi escrito, a mansidão e confiança em Deus que tinha o padre. No cativeiro, sem recursos para escrever e guardar, o santo escreve nas areias da praia de Iperoig (hoje praia do Cruzeiro) um poema dedicado a Maria, com mais de 5 mil versos, os quais ele memorizou! Observe um trecho deste maravilhoso poema:

COMPAIXÃO DA VIRGEM NA MORTE DO FILHO

“Por que ao profundo sono, alma, tu te abandonas,
e em pesado dormir, tão fundo assim ressonas?
Não te move a aflição dessa mãe toda em pranto,
que a morte tão cruel do filho chora tanto?

Olha como está prostrado diante da Face do Pai,

Todo o suor de sangue do seu corpo se esvai.
Olha a multidão se comporta como Ele se ladrão fosse,
Pisam-no e amarram as mãos presas ao pescoço.

Olha, diante de Anás, como um cruel soldado
O esbofeteia forte, com punho bem cerrado.
Vê como diante Caifás, em humildes meneios,
Aguenta mil opróbrios, socos e escarros feios.

(...) O seio que de dor amargado esmorece,
ao ver, ali presente, as chagas que padece?
Onde a vista pousar, tudo o que é de Jesus,
ocorre ao teu olhar vertendo sangue a flux.”

Na aula a seguir, estudaremos um de seus poemas exemplares: Do Santíssimo Sacramento.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Resuma em um parágrafo quem foi José de Anchieta: o apóstolo do Brasil.

Análise do poema:

2. Observe se há rimas, combinações sonoras. Copie-as em seu caderno.
3. Quantas estrofes compõem este trecho selecionado?
3. Quantos versos formam cada estrofe? Existe uma regularidade?
4. Qual é o tema deste poema?
5. Quem é o eu-lírico do poema, ou seja, o “narrador” dos versos?



AULA 05

PARNASIANISMO NO BRASIL: CONTEXTO E MOVIMENTO



Segundo o crítico literário Afrânio Coutinho, o Parnasianismo Brasileiro é um movimento que surge a partir de outras duas vertentes literárias, a saber: o Realismo e o Naturalismo. Assim, convém uma breve observação a respeito dos dois movimentos que lhe deram origem.

ANTECEDENTES

Por Naturalismo entendemos o movimento literário que possui, em sua narrativa literária, a marca predominante do determinismo do instinto; ou seja, nas personagens presentes impera o instinto animalesco que faz o olhar voltar mais para o mundo e para a carne do que para Deus e o Transcendente. Ademais, há a forte presença da fatalidade que decorre diretamente dos ares deterministas impressos na obra: algo, na narrativa, aconteceu do modo que aconteceu, porque o ser humano é determinado pelos seus instintos selvagens a agir do modo que age. Não há, desse modo, livre arbítrio e o grau de escolhas é, se não nulo, muito limitado.

O **Naturalismo** surge a partir do Realismo e, desse modo, partilha suas características, com exceção das descritas no parágrafo anterior. As características partilhadas são as seguintes:

O **Realismo**, escreve Afrânio Coutinho, procura:

Apresentar a verdade, isto é, é a literatura que ganha forma por mesclar mais os elementos da vida real com a ficção, do que os da ficção com a vida real; em outras palavras, os personagens são bastante **humanos** (muitas vezes no pior sentido da humanidade).

A verdade no realismo busca a circunstância verdadeira através da construção sólida (e, às vezes, narra até o desenvolvimento) do caráter das personagens.

No Realismo, os motivos humanos, ou seja, as razões das personagens; a perspectiva, seus sentimentos e afins, são determinantes ou, no mínimo, influenciáveis na ação.

O retrato da vida contemporânea, no Realismo, ganha forma na narrativa: as situações corriqueiras que as pessoas, de acordo com a sua posição social, sua vida etc., possuem na sociedade: um político se encontrará imerso, na narrativa literária, na situação política; uma mãe se encontrará no lar, imersa nas situações cotidianas, e assim sucessivamente.

SURGE O PARNASIANISMO

Historicamente, o Parnasianismo surgiu na França por volta do final do século XIX. Segundo Coutinho, o Parnasianismo

“reflete o mesmo movimento pendular que fez seguir uma corrente objetivista e classicista ao subjetivismo romântico. Também ele se subordinou ao ideal científico da objetividade e mesmo ao positivismo filosófico”.

Ou seja, trata-se do movimento literário que adota as ideias laicizadas do materialismo, do racionalismo e do cientificismo, com pouca margem para o olhar transcendental, senão com as características que veremos a seguir, ou tão somente presente na pena de alguns poetas seletos.

O nome do movimento remete ao monte Parnaso, na [Grécia Antiga](#), morada do deus pagão Apolo, o falso deus “inspirador” dos artistas e dos poetas, patrono da “beleza ideal”. Foi, portanto, uma tendência literária que valorizava e retomava elementos da Antiguidade Clássica.

É na **forma poética que o Parnasianismo ganha forma** e expressão singular. Assim, ele será compreendido nessa **singularidade poética**, logo que suceder a exposição do **positivismo ideológico** que, também, foi marcante na época, sobretudo no Brasil.

Na sua obra clássica intitulada “O Positivismo no Brasil”, o historiador João Camilo de Oliveira Torres, nos dá uma sucinta, mas muito clara e objetiva, definição do que é positivismo: “é a filosofia do Homem na história puramente empírica”, ou seja, é o entendimento de que o ser humano deve ser compreendido através do olhar que observa e interpreta tudo exclusivamente pelas lentes dos fenômenos, ou seja, do que aconteceu. Todo esse corpo filosófico foi elaborado por Augusto Comte.

A filosofia de Comte, a princípio, parece complexa; mas é errônea, porquanto, diminui o ser humano a uma das suas características: a capacidade de realizar ações (fenômenos). A partir dessa potência, o positivismo busca compreender o Homem em apenas uma de suas dimensões. Existe, em sua filosofia, portanto, uma posição que nega, para o pleno entendimento do ser humano, tudo o que é metafísico: o transcendente, que é o próprio Deus.

Não por acaso, o positivismo foi visto por alguns, dentre eles o próprio historiador João Camilo de Oliveira Torres, como uma religião (falsa religião). Entendimento, por óbvio, equivocado, visto que religião é o caminho que ‘religa’ o homem com Deus e o máximo que o positivismo faz é religar o homem com o homem.

Foi, a República do Brasil, causada pela gradativa introdução de uma mentalidade republicana, e não monárquica, nas escolas militares do Brasil Império (1822-1889). Essa é a tese de João Camilo. Podemos, entretanto, no mínimo, afirmar que foi o positivismo influente para o surgimento da República no Brasil, como o seu próprio lema está impresso na nossa bandeira: “Ordem e Progresso”.

A frase original de Augusto Comte diz: “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”. “Ordem” tem sentido de organização: Comte sinaliza que a organização é essencial para que algo seja construído sobre; este algo é o “progresso”, ou seja, a marcha em frente que a humanidade segue graças à sucessão das gerações que incorporam o conhecimento produzido pelas antigas.

Nota-se, enfim, que o positivismo é como um “arranjo lógico perfeito” que se limita por se desligar de Deus.

PARNASIANISTAS

Escreve Otto Maria Carpeaux que os parnasianos brasileiros tiveram um gosto especial por **cantar as belezas naturais da fauna e da flora das terras tropicais ou optaram por um canto mais positivista**: com ênfase na nação enquanto organização política e culturalmente semelhante. Oficialmente, o parnasianismo surge graças a quatro homens: Artur de Oliveira (1851-1922), Machado de Assis (1838-1908), Gonçalves Crespo (1823-1864) e Luís Guimarães Junior (1845-1898).

ARTUR DE OLIVEIRA

Artur de Oliveira foi influência larga sobre os poetas no final do século XIX que, segundo Afrânio Coutinho, serviu de introdução às características do Parnasianismo. Isso se verifica no poema “Aparição nas Águas”, em que se nota a presença do paganismo que foi marcante no movimento, segundo Otto Maria Carpeaux:

“Vênus, quando eu te vejo a resvalar tão pura
Do largo oceano à flor,
Das águas verde-azuis na úmida frescura,
Vem dos prístinos céus,
Vem da Grécia, que é morta,
Abre do azul a misteriosa porta.”



*Artur de Oliveira poeta
parnasiano.*

O paganismo e a presença da exótica natureza dos trópicos são nítidos nos versos. Percebemos a referência direta a “Vênus”, isto é, a deusa grega Afrodite que é comumente associada com o “amor”. O poema é repleto de imagens da natureza (largo oceano, águas verdes-azuis) que dão vida aos versos e fomentam a imaginação.

Artur de Oliveira, segundo Afrânio Coutinho, é o poeta de uma fase de transição: seus poemas não são propriamente parnasianos, mas possuem as principais características do parnasianismo, a saber: **o paganismo e o cantar do exótico**. Por mais belos que sejam os versos, o paganismo contamina e destitui a arte do seu fim último e maior propósito: louvar a Deus.

A INFLUÊNCIA DE JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

Indiretamente, Joaquim Maria Machado de Assis contribuiu com o Parnasianismo, por causa da crítica à linguagem: os parnasianos, escreve Coutinho, no princípio, não se preocupavam absolutamente com a precisão linguística e a ordem lógica da Língua Portuguesa, daí que ocorriam certas supressões de pronomes em seus versos, além de erros gramaticais. Isso foi suprimido por causa da crítica de Machado de Assis. Isso se verifica no prefácio do livro de Alberto de Oliveira “Meridionais”, que é expressão parnasiana. No prefácio, Machado escreveu: a exortação da sua crítica não foi desprezada.



Machado de Assis

Historicamente, é por volta da década de 80 do século XIX que os jornais da época começam a qualificar certos poetas como parnasianos; essa qualificação se estende, entretanto, somente até o advento do Simbolismo com a publicação de “Broquéis”, em 1893, escrito por Cruz de Sousa.

Tantos outros, além dos mencionados, foram os autores que contribuíram para a configuração do parnasianismo. Todavia, visto a exposição histórica feita e os autores já mencionados, se dispensa a exposição dos demais.

Enquanto movimento, portanto, o parnasianismo, naturalmente, possui características partilhadas entre os literatos que foram expressivos nele. Contudo, não foram todos que optaram por voltar o seu olhar para o paganismo e, por consequência, se afastar do Bom, do Belo e do Verdadeiro. Olavo Bilac foi um dos parnasianistas que utilizou do estilo para cantar a Deus e a sua Criação, embora ainda se note certo positivismo em alguns de seus poemas.

Dentre os parnasianos brasileiros encontramos poetas como Raimundo Correa, Alberto de Oliveira e, de maior relevância, Olavo Bilac. Por esse motivo, ele será estudado na aula seguinte.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Elabore suas anotações sobre os principais pontos que compõem o movimento parnasianista no Brasil, considerando, também, os movimentos literários que contribuíram para que o Parnasianismo ganhasse forma.
2. Leia este poema de Alberto de Oliveira, poeta parnasiano brasileiro:

VASO CHINÊS

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o.
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura;

Que arte em pintá-la! a gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

(Sonetos e poemas, 1886)

- a) Qual é o tema deste poema?
- b) Quais características parnasianas vemos nele?

3. “As pombas” é um dos sonetos mais conhecidos de Raimundo Correa, no qual se nota o estilo parnasiano, especialmente pela temática e composição rigorosa dos versos. Leia o poema e exemplifique as características apontadas.

AS POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

(Sinfonias, 1883)



AULA 09

SÃO ROBERTO BELARMINO



m Montepulciano, na Toscana, em 4 de outubro de 1542, nasceu Roberto Francesco Romolo Belarmino. O pai, Vincenzo Belarmino, cuja nobreza empobrecida não obscurece sua posição como governador da cidade por muitos anos, e a mãe, Cinzia Cervini, irmã do futuro Papa Marcelo II, que brevemente governou a Igreja por apenas 22 dias, em abril de 1555.

Desde tenra idade demonstrou dedicação aos estudos, absorvendo com facilidade todas as disciplinas em que se empenhava, inclusive a música. Contudo, sua alma encontrava encantamento ao visitar o Santíssimo Sacramento, enquanto, apesar de sua juventude, observava rigorosamente os jejuns do Advento e da Quaresma.

Aos quatorze anos, adentrou o colégio da Companhia de Jesus, onde começou a emergir sua vocação como grande pregador e polemista. Um pequeno episódio da época ilustra vividamente essa inclinação. Pela cidade, espalharam-se boatos caluniosos sobre a qualidade do ensino ministrado no colégio, o que causou grande indignação em Roberto. Para acabar com eles de vez, junto de alguns de seus companheiros, desafiou publicamente os melhores alunos das outras instituições de ensino para um debate. Na sala do município, no dia marcado, coube-lhe proferir o discurso de abertura, onde se deu o evento. A vitória dos estudantes jesuítas foi estrondosa!

Com uma palavra fácil, raciocínio metódico e lógico, e, acima de tudo, uma piedade sincera, o jovem santo passou a ser convidado para pregar em retiros e outros eventos. O sucesso batia-lhe às portas. Além disso, como sobrinho de um Papa, mesmo que durante um reinado efêmero, as esperanças do pai cresciam em vê-lo elevar o nome da família, talvez como destacado membro da corte pontifícia.



Contudo, São Roberto Belarmino ponderava cuidadosamente sobre os perigos da ascensão que se apresentava diante dele:

"Durante muito tempo refleti sobre a dignidade à qual poderia aspirar, mas a brevidade das coisas temporais me veio de forma insistente. Impressionado por esses sentimentos, concebi um horror desta vida e decidi buscar uma Ordem Religiosa onde não houvesse perigo de tais dignidades".

Assim, tomou a resolução de tornar-se jesuíta.

Após vencer as resistências paternas e passar um ano em provação em sua cidade natal, Roberto foi transferido para Roma. Lá, fez os votos de devoção na Companhia de Jesus e iniciou seus estudos de Filosofia no Colégio Romano. Apesar de possuir uma compleição débil e enfermiza, sua inteligência era agudíssima. Além disso, possuía uma memória tão privilegiada que bastava uma simples leitura para reter o conteúdo de um livro. Dessa forma, seus êxitos acadêmicos foram marcantes.

Na defesa de sua tese de Filosofia, destacou-se pela segurança e clareza de raciocínio ao expor a matéria e responder às objeções propostas. Tal desempenho lhe rendeu o cargo de professor de Humanidades no Colégio de Florença, apesar de seus 21 anos de idade. Além das aulas, foi incumbido de pregar aos domingos e dias santos diante de prelados, eclesiásticos e da escola intelectual da cidade. Seus ouvintes categorizados não apenas admiravam sua eloquência, mas também se maravilhavam com a coerência de suas palavras e a prática daquilo que pregava nos sermões.

Doze meses mais tarde, o jovem Roberto foi enviado como professor de retórica a



São Francisco de Borja

Mondovi, onde permaneceu por três anos. Após ouvir uma de suas pregações, o Padre Provincial o encaminhou a Pádua, para os estudos de Teologia, preparando-o para receber as ordens maiores.

Devido aos rápidos progressos em seus estudos, São Francisco de Borja, então Superior Geral, determinou sua ida para Lovaina. Lá, homens de talento eram necessários para defender o "Depósito da Fé", que estava sendo fortemente questionado na época pelos intelectuais luteranos.

Localizada a menos de vinte quilômetros de Bruxelas, próxima, portanto, de vários Estados que aderiram às teses de Lutero, a Universidade de Lovaina era um baluarte da verdadeira doutrina. Foi lá que Roberto chegou com a intenção de permanecer por dois anos, mas, conforme sua própria previsão, esses dois anos se transformaram em sete.

O jovem jesuíta impressionava: aos domingos, pregava em latim na igreja do ateneu,

repleta de um público habituado a ouvir com espírito crítico os mais doutos pregadores. Os frutos desses sermões foram preciosos: católicos hesitantes eram confirmados na Fé, numerosos jovens consagravam-se ao serviço de Deus, e muitos protestantes se convertiam. Não era incomum que alguns, vindo da Holanda ou da Inglaterra para ouvi-lo e refutar-lhe os argumentos, retornassem arrependidos. Em Gante, a 25 de março de 1570, Roberto recebeu o presbiterato.

Naquela época de renhidas polêmicas, os problemas levantados pelos protestantes impeliram o padre Belarmino a estudar o hebraico, buscando adquirir uma segurança exegética ainda maior. Ele chegou a compor uma gramática dessa língua para seu uso, que também se revelou de grande ajuda para seus alunos.

Além disso, São Roberto estudou com afinco os Padres da Igreja, os Doutores, Papas, Concílios e a História da Igreja. Dessa forma, preparou-se para uma forma de ensino sólida, orientada para uma apologética na qual os erros eram sempre impugnados com respeito e prudência.

Foi o período mais fecundo de sua vida. As principais universidades da Europa, inclusive a de Paris, disputavam-no como professor de Teologia. Até mesmo São Carlos Borromeu chegou a solicitar sua presença em Milão. Com apenas 30 anos de idade, Roberto enfrentava imensas responsabilidades pastorais e acadêmicas, as quais desempenhava com virtude e talento. Isso levou seus superiores a adiantarem sua profissão solene.

Sua viva fé e profunda sabedoria foram de incalculável valor para a Igreja. Se uma considerável parte da Áustria e da Alemanha ainda hoje permanece católica, deve-se, em boa medida, ao apostolado deste filho de Santo Inácio.

Apesar de ter disposto em seu testamento que seus funerais fossem sóbrios, como correspondia a um membro da Companhia de Jesus, o Papa Gregório XV quis dar grande solenidade às exéquias daquele Cardeal que tanto bem fizera à Igreja de Cristo.

Revestido da púrpura que recebera há 22 anos, o corpo de Sua Eminência foi velado na igreja da Casa Professa dos Jesuítas, onde o povo se aglomerou para prestar-lhe a última homenagem. Tornou-se necessário recorrer a uma guarda para evitar a indiscreta devoção dos presentes.

Todo o Sacro Colégio participou dos ofícios, e o registro do Consistório lavrou ata da sua morte nos seguintes termos:

“Esta manhã, 17 de setembro de 1621, à hora duodécima, o Reverendíssimo Senhor Belarmino, Cardeal Presbítero, de Montepulciano, passou desta região de morte para a morada dos vivos. Era um homem notabilíssimo, teólogo eminente, intrépido defensor da Fé Católica, martelo dos hereges, tão piedoso, prudente e humilde, como caridoso para com os pobres. O Sacro Colégio e toda a Corte Romana sentiram e choraram vivamente a morte de tão grande homem”.

Palavras breves e significativas, carregadas do sabor da época, bem sintetizam elas o sentir do povo romano em relação a esse Cardeal de quem afirmavam, ao vê-lo passar:

“Ecco il santo! — Eis o santo!”.

CONTROVÉRSIAS: A “SUMMA” DE BELARMINO

Algum tempo mais tarde, a Santa Obediência o fez retornar à Cidade Eterna. Gregório XIII fundara no Colégio Romano uma cátedra de apologética chamada Controvérsias, com o objetivo de ensinar a verdadeira doutrina contra os erros que pululavam nos centros universitários da época. São Roberto encarregou-se dela por doze anos, durante os quais refutou primorosamente as objeções dos protestantes.



Seus ensinamentos durante esse longo período foram compilados, por ordem dos seus superiores, na monumental obra *Controvérsias*.

Disputas sobre a Fé Cristã (em latim: De Controversiis Christianae Fidei)

Considerada a “Summa” de Belarmino, ela foi acolhida com grande entusiasmo e traduzida para quase todas as línguas europeias. **São Francisco de Sales, o grande Bispo de Genebra, afirmou ter pregado por cinco anos contra os calvinistas em Chablais, usando apenas a Bíblia e as Controvérsias de Belarmino.**

Até mesmo os protestantes deram testemunho da eficácia e valor desta obra. Guiène reconheceu o valor do santo jesuíta, colocando-o acima de todos os doutores católicos. Bayle confessou que não houve nenhum autor que tenha sustentado melhor a causa da Igreja. **Ficou célebre a confiança do sucessor de Calvino, Théodore de Bèze, ao desabafar com seus amigos, batendo com a mão nas Controvérsias: “Eis o livro que nos deitou a perder”.**

Assim, a fé viva e a profunda sabedoria do santo, bem como seu método tomista de argumentar — começando sempre por expor imparcialmente as razões e argumentos apresentados pela parte contrária —, foram de incalculável valor para a defesa da Igreja. Se a maior parte da Áustria e quase um terço da Alemanha ainda hoje permanecem católicos, podemos afirmar que isso se deve, em boa medida, ao apostolado de São Roberto Belarmino.

“Ó! Se soubésseis quantos filhos restituístes a Cristo!”, escrevia-lhe o Duque Guilherme da Baviera, ao pedir-lhe licença para traduzir as ‘Controvérsias’”.

Naquele período conturbado para a Igreja, muitos foram os jesuítas que praticaram a virtude em grau heroico, merecendo ser elevados à honra dos altares. Com alguns deles, São

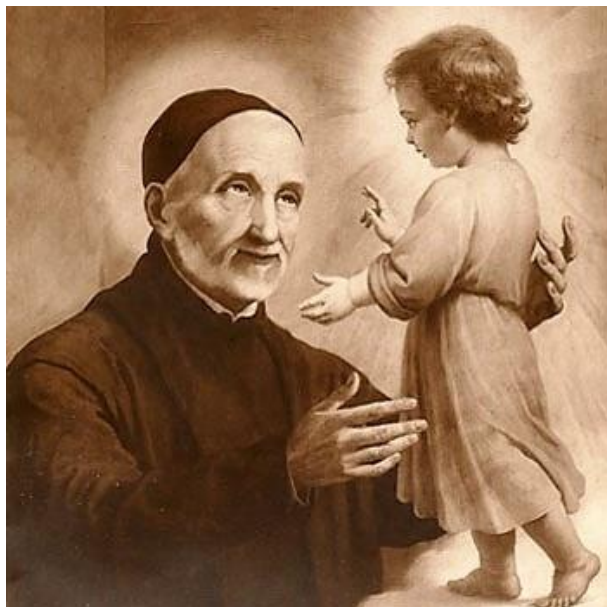


Roberto teve um trato mais estreito. Sendo diretor espiritual do Colégio Romano, coube-lhe ser **confessor de São Luís Gonzaga**, que admirava o confessor como a um Anjo. Este, por sua vez, afirmava nunca ter tratado com alma tão pura e delicada quanto a deste jovem.

Mais tarde, durante uma visita como provincial ao colégio de Lecce, no sul da Itália, São Roberto Belarmino conheceria São Bernardino Realino. Quando os dois jesuítas se encontraram, caíram de joelhos, um diante do outro, e se abraçaram.

“Um grande santo nos deixou”, disse São Bernardino quando partiu o superior.

Ambos jesuítas, unidos desde aquele momento por uma amizade toda sobrenatural, veneravam-se mutuamente como santos.



São Bernardino Realino

A fecunda atuação de São Roberto Belarmino na Cidade Eterna não se circunscrevia ao Colégio Romano, do qual passaria, em 1592, a ser Reitor. Entre outros encargos, foi ele teólogo do Papa Clemente VIII, consultor do Santo Ofício e teólogo da Penitenciária Apostólica. Fez também parte da comissão encarregada de preparar a edição clementina da Vulgata, versão oficial da Bíblia para o rito latino até 1979, quando foi substituída pela Neovulgata.

Sua nomeação como Cardeal era inevitável. Ele, porém, recusava-se a aceitar o cargo, alegando incompatibilidade com seus votos. Mas o Papa Clemente VIII o obrigou a aceitar em nome da Santa Obediência, afirmando: “Nós o elegemos porque não há na Igreja de Deus outro que lhe equipare em ciência e sabedoria”.

Com o mesmo espírito religioso, desinteresse e abnegação que o caracterizaram até aquele momento, São Roberto dedicou-se aos trabalhos, muitas vezes espinhosos, exigidos aos prelados romanos. No entanto, em 1602, Clemente VIII o liberou da pesada carga, nomeando-o Arcebispo de Cápua e conferindo-lhe ele mesmo a ordenação episcopal.

Gozando já em vida de fama de santidade, o Cardeal Belarmino foi recebido na catedral com grande pompa e enorme concurso de fiéis, que tocavam nele medalhas e terços.

Seu governo começou por uma reforma geral do clero. Entrevistou-se em particular com cada um dos presbíteros, usando de bondade e firmeza evangélica para com os transviados. Manifestava-se disposto a perdoar os mais graves pecados aos arrependidos, mas mantinha uma inflexibilidade completa para com os recalcitrantes: *aut vitam aut habitum* — ou mudança de vida ou de hábito.

Na catedral, deu nova vida ao coro, participando ele próprio da recitação do Ofício. Dedicou-se com frequência à pregação, como era seu costume, usando deste meio para converter as almas. Visitou também todo o território da arquidiocese, estimulando a piedade

dos fiéis e ajudando a reerguer os conventos decadentes. Mas, como bom filho de Santo Inácio, dava particular importância à formação: ele próprio ensinava o Catecismo nas paróquias e na catedral, aos domingos.

Em sua extraordinária obra como teólogo da Reforma Católica e restaurador da liturgia, Belarmino também lidou com a música, para a qual (junto com a poesia) sempre demonstrou excepcional aptidão. Isso se evidencia desde o período que ele passou como estudante em Montepulciano, sua cidade natal, até o noviciado nos jesuítas, em Roma, como professor e reitor do Colégio Romano, mais tarde como provincial de Nápoles, arcebispo de Cápua e finalmente cardeal.

Em sua autobiografia, Roberto relata que na juventude aprendeu com facilidade a cantar e tocar vários instrumentos. Quando foi reitor daquela escola que Santo Inácio fundara sem custo algum para as crianças romanas, desde fevereiro de 1551, Belarmino as instruiu em música:

“O Colégio Romano é uma obra musical e o número de coros que há nele é igual ao de ocupações e deveres. De fato, cada um, em seu coro particular, canta a parte que lhe é designada. O resultado disso é a concórdia perfeita, porque todos, por meio da harmonia consoante que os une, estão em conformidade com a divisão das regras próprias a cada um ou comuns a todos. Portanto, que todos continuem cantando no coro completo; que cantem na observância da disciplina comum; ou que possam cantar num coro reduzido, no qual um atua como professor, outro como aluno e assim sucessivamente com outras funções especiais; ou mesmo que possam cantar sozinhos em suas ações individuais. Quanto ao reitor, sua função será sustentar as vozes, marcar o tempo, indicar o compasso; o momento de iniciar, continuar e parar. Desta forma, tudo será feito com medida e harmonia. Porém, considerando que o reitor foi posto numa função sem prática prévia, alguns erros podem lhe escapar e danificar a harmonia. Logo, é permitido que cada um advirta o outro sobre seus respectivos erros e todos ficarão gratos pelo favor recebido.”

Num depoimento durante o processo de beatificação, um jesuíta relatou o testemunho contemporâneo segundo o qual Belarmino, quando foi provincial em Nápoles por mais de dois anos,

“alegrava-se muito com a música. Durante o período de recreação, cantava em harmonia com outros de nós que tinham boas vozes; o mesmo acontecia em Capodimonte, onde fazíamos as nossas refeições na varanda. Ele mesmo não tinha uma boa voz, mas executava a sua parte com talento; compunha poemas, adaptava-os a textos musicais e fazia então que fossem cantados. Ele dizia que, graças a esse entretenimento, as pessoas evitavam a fofoca e outras condutas negativas durante o tempo de lazer.”

Em seus três anos como arcebispo de Cápua, Belarmino foi não só um farol da doutrina e do zelo apostólico, mas também o defensor e organizador da música em sua catedral. Ele queria que “os ritos sagrados fossem celebrados com grandeza e devoção”, pensando em “manter a música boa e sóbria, capaz de despertar e elevar os homens para as coisas

espirituais, penetrando os louvores divinos com mais facilidade através dos sentimentos da alma, quando estes são temperados com a doçura da harmonia”.

A 28 de agosto de 1608, o Santo Doutor foi apontado como membro de uma comissão composta por três cardeais, criada pelo Papa Paulo V com a finalidade de revisar o repositório de canto gregoriano. Segundo a bula da comissão, os músicos romanos, presididos por Felice Anerio (1560-1614), teriam a tarefa de corrigir os erros que ao longo do tempo poderiam desfigurar as melodias. No entanto, aqueles músicos, tão imbuídos da polifonia do século XVI, e não do canto gregoriano, não souberam executar a tarefa de modo algum, e seu infeliz Gradual Mediceano foi publicado em 1614 sem o entendimento adequado do cantochão. Porém, valendo-se de seu conhecimento musical, o Cardeal Belarmino assegurou que esse Gradual jamais recebesse aprovação oficial.

No meio de todas essas ocupações, sua vida espiritual era uma obra-prima de serenidade. Conseguia organizar seu tempo de modo a encontrar momentos para pensar, meditar, rezar, estudar, escrever, sem descuidar as obrigações para com seu rebanho. Pelo contrário, era do recolhimento e da oração que hauria as forças para a ação pastoral.

À morte de Clemente VIII, o Cardeal Belarmino regressou a Roma para participar de um Conclave, pela primeira vez. O Papa eleito foi Leão XI, falecido menos de um mês depois.

No segundo Conclave, São Roberto chegou a ter um bom número de votos. Mas, assim como recusara as honras de Cardeal, revela em sua Autobiografia haver pedido a Deus, naqueles dias, que fosse escolhido alguém mais apto, rezando com insistência: “Do Papado, livrai-me, Senhor!”.

Eleito Paulo V, este o trouxe para junto de si, fazendo-o deixar definitivamente a Arquidiocese de Cápua. Ainda dezesseis anos passaria em Roma, desempenhando os mais altos cargos a serviço da Santa Sé e intervindo nos assuntos mais importantes, para cuja resolução exercia o seu parecer uma influência decisiva.



Altar com os restos mortais de São Roberto na Igreja de Santo Inácio, Roma.

SERENIDADE NA VIDA E NA MORTE

Ao sentir se aproximar a morte, São Roberto pediu ao recém-eleito Papa Gregório XV dispensa de todos os seus cargos na Cúria e retirou-se para o Noviciado de Santo André, no Quirinal, a fim de “esperar o Senhor”, como costumava dizer. Ele chegou em 17 de setembro de 1621. Depois de curta enfermidade, tendo recebido a visita de muitas pessoas ilustres — incluindo o próprio Papa —, que lhe pediam um último conselho ou uma bênção, despediu-se desta terra com uma sereníssima morte. Pio XI o canonizou em 29 de junho de 1930, e o declarou Doutor da Igreja no ano seguinte. Aquele que, durante a vida, com tanto empenho fugira de honras e dignidades, tornava-se assim o único jesuíta inscrito na lista dos Santos como Cardeal e como Bispo.

EXERCÍCIO PARA SER FEITO NO CADERNO

Resuma em seu caderno os principais aspectos da vida deste grande Santo, conhecido como martelo dos hereges (ou das heresias), considerando os aspectos destacados em negrito no texto.

Considere sua obra, apostolado e o que mais lhe chamou a atenção neste Santo que tinha a graça da inteligência refletida em tudo o que fazia.



AULA 12

O SIMBOLISMO BRASILEIRO – TEXTOS SELETOS



onforme exposto nas aulas passadas, o Simbolismo é um movimento literário que se caracteriza não pelo símbolo em si, mas pelo modo de uso desse símbolo e pela visão existencial, espiritual e filosófica que cada autor nos transmite através da sua pena.

Muitas das características que vimos nas aulas passadas podem ser encontradas nos poemas que se seguem. Todavia, é sempre indispensável a leitura de cada um e a interpretação particular do aluno como exercício de inteligência.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Leia cada um dos poemas e escolha dois, ao menos, para elaborar sua reflexão particular. Nessa reflexão, busque elaborar um texto em que você possa expor o que o autor diz, apontar os erros de seu pensamento ou os pontos em que há concordância com o universo católico.
2. Alguns dos poemas são acompanhados de reflexões que você pode incrementar com a sua particular.

CRUZ E SOUSA, POEMA “VELHAS TRISTEZAS”

Diluências de luz, velhas tristezas
Das almas que morreram para a luta!
Sois as sombras amadas de belezas
Hoje mais frias do que a pedra bruta.

Murmúrios incógnitos de gruta
Onde o Mar canta os salmos e as rudezas
De obscuras religiões-voz impoluta
De todas as titânicas grandezas.

Passai, lembrando as sensações antigas,
Paixões que foram já dóceis amigas,

Na luz de eternos sóis glorificados.

Alegrias de há tempos! E hoje e agora,
velhas tristezas que se vão embora
No poente da Saudade amortalhadas!...

Alguns dos simbolistas escolheram por cantar, poeticamente, a principal mensagem da filosofia dos que viriam a ser considerados como filósofos “pessimistas”: a de que a vida não vale a pena ser vivida. Logo na primeira estrofe, notamos uma repercussão disso, quando o poeta escreve: “das almas que morreram para a luta.”

Trazendo o referido verso para o universo católico, podemos inferir que todas as almas que servem a Cristo são chamadas a travar o combate em prol da fé: disseminação, evangelização etc. Nos versos, porém, o poeta, a luz está se diluindo. Dado o contexto, podemos inferir que a luz é justamente o vigor e desejo ardente por travar o combate que a alma não mais sente.

Justamente a perda do desejo ardente ou, simbolicamente, do coração flamejante, que ficou “frio como pedra bruta” é cantado pelo poeta. Nota-se, assim, uma inversão.

CRUZ E SOUSA, POEMA “LONGE DE TUDO”

É livre, livre desta vã matéria,
Longe, nos claros astros peregrinos
Que haveremos de encontrar os dons divinos
E a grande paz, a grande paz sidérea.

Cá nesta humana e trágica miséria,
Nestes surdos abismos assassinos
Termos de colher de outros destinos
A flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama
Só nos mostra a caveira e só a lama,
Ah! só a lama e movimentos lassos...

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,
Hão de trocar, nas Regiões eleitas,
Largos, profundos, imortais abraços!

“Longe de Tudo” é um poema que se aproxima do Maniqueísmo na primeira estrofe, ou, no mínimo, reduz a matéria a uma condição inferior à da alma, e não à condição de serviço que deve ter para com a alma.

ALPHONSUS DE GUIMARÃES, POEMA “EM TEU LOUVOR, SENHORA, ESTES MEUS VERSOS...”

Em teu louvor, Senhora, estes meus versos,
E a minha Alma aos teus pés para cantar-te.
E os meus olhos mortais, em dor imersos,
Para seguir-te o vulto em toda a parte.

Tu que habitas os brancos universos,
Envolve-me de luz para adorar-te,
Pois evitando os corações perversos
Todo o meu ser para o teu seio parte.

Que é necessário para que eu resuma
As Sete Dores dos teus olhos calmos?
Fé, Esperança, Caridade, em suma.

Que chegue em breve o passado derradeiro:
Oh! dá-me para o corpo os Sete Palmos,
Para a Alma, que não morre, o Céu inteiro!

ALPHONSUS DE GUIMARÃES, POEMA “PÁLIDA, DE UMA PALIDEZ SUBLIME...”

Pálida, de uma palidez sublime,
E tão sentimental que enleva e espanta:
Santa Teresa de Jesus sorri-me
Naquela suave palidez de Santa.

Há como um luar celeste que a redime
No exílio nosso onde a impureza é tanta:
A religiosa luz de um claustro exprime

O clarão que, cercando-a, se levanta.

E vagueia por ela toda, em suma,
Alguma cousa de além-vida, alguma
Cousa que me é saudosamente triste...

Oh! a minha doce, a minha doce amada...
Beija-lhe a branca face macerada
A palidez de quem já não existe.

ALPHONSUS DE GUIMARÃES, SANTO GRAAL

Se a tentação chegar, há de achar-me rezando
Na erna Tebaida do meu sonho solitário.
(Miséria humana, humano vício miserando,
Não haveis de poluir as hóstias no Sacrário...)

Se a tempestade vier, há de achar-me chorando,
E como dobrareis, sinos do Campanário!
Subirei à montanha eleita orando, orando...
(Não és tão longa assim, ladeira do Calvário!)

Se a tentação chegar, há de achar-me de joelhos
(Miséria humana, humanidade miseranda...)
Maldizendo a traição dos seus lábios vermelhos.

Se a tempestade vier, e eu cair, nesse dia
Piedosamente irei pela terra em demanda
De ti, ó Santo Graal, Vaso da Eucaristia!

A produção de Alphonsus de Guimarães, grande expoente do simbolismo brasileiro, oscila entre dois polos: a melancolia e o universo católico. Independentemente do polo que se encontra, entretanto, dificilmente a poesia carrega a marca do simbolismo de produzir “a poesia pela poesia”, porquanto, a obra de Guimarães, quando no polo católico, o expõe humanamente, isto é, com os seus dramas e circunstâncias mais comuns.

Santo Graal é um poema interessante se o interpretarmos à luz de uma espécie de “cadeia” de imagens. Assim, temos:

- A primeira estrofe constrói a imagem de um eu lírico em tentação.
- A segunda estrofe constrói a imagem de um eu lírico passando pela “tempestade”, isto é, a turbulência interior ocasionada, por vezes, pela tentação.
- A terceira estrofe constrói a imagem de um eu lírico que se põe em oração para combater a tentação.
- A terceira estrofe constrói a imagem de um eu lírico que busca o Sacramento da Confissão, caso venha a cair.

A situação toda, embora comum, é rica pela forma que é construída (poeticamente) e por aquilo que representa: o retorno à casa do Pai de um coração que se apartou de Deus.

ALPHONSUS DE GUIMARÃES, ISMÁLIA

Quando Ismália enlouqueceu,
 Pôs-se na torre a sonhar...
 Viu uma lua no céu,
 Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
 Banhou-se toda em luar...
 Queria subir ao céu,
 Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
 Na torre pôs-se a cantar...
 Estava perto do céu,
 Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
 As asas para voar...
 Queria a lua do céu,
 Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
 Ruflaram de par em par...
 Sua alma subiu ao céu,
 Seu corpo desceu ao mar...

Ismália é um belíssimo poema com forte teor musical. O poema narra a circunstância em que se encontra Ismália: ela quer a lua do céu e a lua do mar. O seu enlouquecimento e o seu desejo são as chaves para a compreensão dos versos.

Sendo Alphonsus de Guimarães um poeta que canta ora a tristeza melancólica e ora o universo católico, podemos associar o “enlouquecimento” de Ismália como a “loucura” que aparentam ter os verdadeiros cristãos, isto é, aqueles que renunciam a si mesmos para seguir a Jesus Cristo e, pelo mundo, são vistos como loucos.

Estes são os que veem a Lua do Céu (a Verdade) e a Lua do Mar (aparente, que tenta a carne). Essa dualidade é onde todo católico se insere: seguir a Jesus Cristo e a sua Santa Igreja ou as demais aparências, ilusões e reflexões que o mundo oferece?

De algum modo, Ismália se levanta “como um anjo” e ganha “asas”. Simbolicamente, podemos interpretar isso como o elevar da nossa Alma a Deus e à Verdade através da oração. Assim, as inclinações da alma se embebedam da Lua do Céu, isto é, encontram a Deus, enquanto o corpo, com sua concupiscência da carne, se desprende e fica no mar.

Esse desprender pode ser interpretado como a passagem para a vida eterna.

The image shows a decorative book cover with a central title label. The label is a horizontal rectangle with a double-line border and a small notch on each side. It is centered within a larger rectangular frame. This frame is composed of a wide, ornate border featuring a repeating pattern of stylized leaves and scrolls. The border is further embellished with small circular motifs at the corners. The entire design is rendered in a dark brown color on a white background.

LITERATURA – VOLUME 4

LITERATURA CATÓLICA

PLANEJAMENTO CURRICULAR: LITERATURA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LITERATURA CATÓLICA

Séculos XVIII:

– Santo Afonso Maria de Ligório (1696 d.C. – 1787 d.C.)

OBRAS SELECIONADAS

– Tratado da Conformidade com a Vontade Divina, de Santo Afonso Maria de Ligório.

SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR

- As Mais Belas Orações de Santo Afonso, Editora Vozes, 1961.
- Preparação para a Morte - considerações sobre as verdades eternas (trechos seletos).
- Tratado da Castidade, de Santo Afonso Maria de Ligório.

LINHA DO TEMPO DOS SANTOS

Durante o Ensino Médio elaboraremos uma linha do tempo de todos os Santos que foram apresentados na disciplina de Língua Portuguesa.

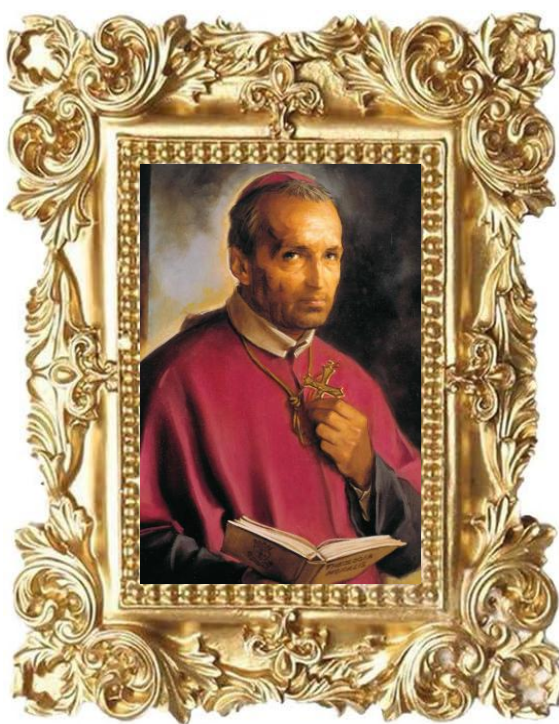
Encontre as imagens apresentadas no modelo abaixo, ou semelhantes, ou faça a ilustração. Elabore e ordene a linha do tempo de acordo com as datas de nascimento e falecimento de cada Santo. Sugerimos que utilize sempre a folha de papel sulfite na posição horizontal, para estabelecer um padrão e para que seu trabalho fique organizado.

Abaixo de cada imagem você deverá acrescentar uma frase significativa de autoria do Santo, ou que remeta a ele, e deverá memorizá-la.

Ao término do Ensino Médio, você poderá encadernar estas folhas e recordar, com gratidão, todas as graças e ensinamentos que Deus foi lhe concedendo por meio da leitura e do aprendizado da vida de cada exemplo de santidade!

Análise e siga o modelo:

SÉCULO XVIII



Santo Afonso Maria de Ligório (1696 d.C. – 1787 d.C.)

RESENHA LITERÁRIA

No volume anterior você leu, analisou e respondeu ao questionário da obra:

A INOCÊNCIA DO PADRE BROWN

Nesta aula, realize uma resenha literária sobre este livro lido.

Em alguns volumes, após a *Leitura* proposta, você deverá realizar uma resenha do livro lido, levando em conta os principais critérios vistos no primeiro volume de Literatura, para que fique na memória e possa usar, futuramente, como consulta.

Ao término do Ensino Médio você terá uma coletânea de boas indicações de leitura!

Em cada resenha, você deverá considerar:

- Considerações sobre o escritor.
- Título e contexto da obra e da narrativa.
- Resumo da obra lida.
- Frases que chamaram a atenção, personagens ou ambientes da narrativa.
- Comentários e apreciações, aspectos positivos da leitura.
- Motivo pelo qual recomendaria (ou não) a leitura feita.

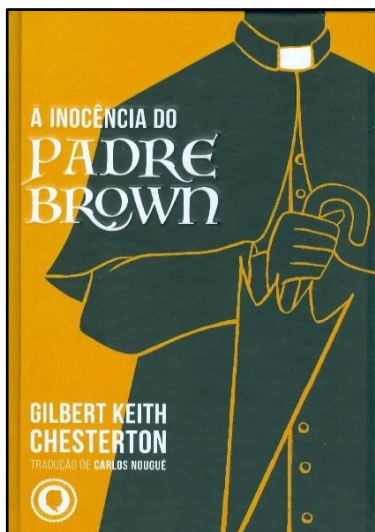
Como fazer:

- Faça em folha de papel almaço ou sulfite, seguindo o mesmo padrão até o fim.
- Realize as atividades a tinta, efetuando previamente um resumo, em folha à parte, para evitar maior número de erros.
- Peça para que algum familiar ou amigo leia a resenha, faça comentários e avalie se foi claro, coeso e coerente ao escrever.
- A resenha deverá conter, no máximo, uma folha (frente e verso).
- Você pode escolher uma imagem do livro ou do escritor para ilustrar sua resenha.
- Guarde todas as resenhas em uma pasta (pasta catálogo de preferência) para unir com as dos próximos meses.

Exemplo:

LIVRO: A INOCÊNCIA DO PADRE BROWN

Autor: G. K. Chesterton

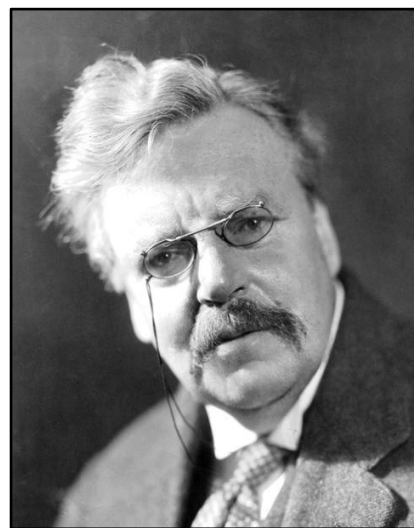


Este livro inicia uma série de contos a respeito de um padre que, por trás de uma expressão angélica e simplicidade, mostra possuir uma mente brilhante.

(Continue a narração...)

Gilbert Keith Chesterton é um dos autores católicos de maior excelência. Viveu entre ...

(continue...)





AULA 16

TRATADO DA CASTIDADE

Objetivo: apresentar o *Tratado da Castidade* de Santo Afonso Maria de Ligório, em seus trechos seletos, para fins de compreender a magnanimidade dessa virtude e a necessidade de a obter.

Indicação de Leitura: *Tratado da Castidade* de Santo Afonso Maria de Ligório.

A EXCELÊNCIA DA CASTIDADE



ninguém melhor que o Espírito Santo saberá apreciar o valor da castidade. Ora, Ele diz: ‘Tudo o que se estima não pode ser comparado com uma alma continente’ (Eccl 26, 20), isto é, todas as riquezas da terra, todas as honras, todas as dignidades, não lhe são comparáveis. Santo Efrém chama a castidade de ‘a vida do espírito’; São Pedro Damiano, ‘a rainha das virtudes’; e São Cipriano diz que, por meio dela, se alcançam os triunfos mais esplêndidos. Quem supera o vício contrário à castidade, facilmente triunfará de todos os males; [...]

[...] terrível é a guerra que a carne nos declara para não-la roubar. Nossa carne é a arma mais poderosa que possui o demônio para nos escravizar; [...]

Por isso, todos os que desejam conservar a virtude da castidade devem ter suma cautela: ‘É impossível que te conserves casto, diz São Carlos Borromeu, se não vigiares continuamente sobre ti mesmo, pois negligência traz consigo mui facilmente a perda da castidade.’”

DA VIGILÂNCIA SOBRE OS PENSAMENTOS

“1) A respeito dos maus pensamentos encontra-se, muitas vezes, um duplo engano:

a) Almas que temem a Deus e não possuem o dom do discernimento e são inclinadas aos escrúpulos, pensam que todo mau pensamento que lhes sobrevém é já um pecado. Elas estão enganadas, porque os maus pensamentos em si não são pecados, mas só e unicamente o consentimento neles. A malícia do pecado mortal consiste toda e só na má vontade, que se entrega ao pecado com claro conhecimento de sua maldade e plena deliberação de sua parte. [...]

Por mais que sejamos atormentados pelas tentações, [...] não existe pecado algum enquanto faltar o consentimento, como ensina também São Bernardo, dizendo: ‘O sentimento não causa dano algum, contanto que não sobrevenha o consentimento’.

[...] Quando uma alma que teme a Deus e detesta o pecado, dúvida se consentiu ou não em um mau pensamento, não está obrigada a confessar-se disso, porque, em tal caso, se tivesse realmente cometido um pecado mortal, não estaria em dúvida a esse respeito, [...].

b) Outros, que possuem uma consciência mais relaxada e são mal instruídos, julgam, pelo contrário, que os maus pensamentos nunca são pecados, mesmo havendo consentimento neles, contanto que não se chegue a praticar. Este erro é muito mais pernicioso que o primeiro. O que se não pode fazer, não se pode também desejar; por isso, o mau pensamento em si contém toda a malícia do ato [...]

2) [...] nem todos os maus pensamentos são pecados, e nem todos os que são pecados trazem em si o mesmo cunho de malícia. Devemos considerar três coisas quando se trata de um pecado de pensamento, a saber: a sugestão, a deliberação e o consentimento.

a) Sob a palavra sugestão entende-se o primeiro pensamento que nos incita a praticar o mal que nos vem à mente. Esta instigação ou incitamento ainda não é pecado; se a vontade a repele imediatamente, é mesmo uma fonte de merecimentos. [...] O Apóstolo suplicou várias vezes ao Senhor que o livrasse desse inimigo [...] O Senhor não quis, porém, dispensá-lo do combate [...]. E por que não queria o Senhor livrá-lo? Para que adquirisse maiores méritos por sua resistência à tentação: ‘Porque a virtude se aperfeiçoa na fraqueza’. São Francisco de Sales diz que quando um ladrão procura arrombar uma porta, é porque não está ainda dentro da casa; assim também, quando o demônio tenta uma alma, é porque se acha ela ainda na graça de Deus.

b) À sugestão segue-se a deleitação. Quando nos damos ao trabalho de repelir imediatamente a tentação, sentimos nela uma certa complacência ou prazer, que nos vai arrastando ao consentimento. Mesmo então, se a vontade não dá seu assentimento, não há pecado mortal; quando muito, poderá haver pecado venial.

c) Toda a malícia do mau pensamento está, porém, no consentimento. Havendo pleno consentimento, perde-se a graça de Deus e chama-se sobre si a condenação eterna,

3) Se fores, pois, molestada por tais tentações, alma cristã, não debes perder a coragem, antes, animosamente combater, empregando os meios que te vou indicar, e não sucumbirás:

a) O primeiro é humilhar-se continuamente diante de Deus. O Senhor castiga muitas vezes os espíritos soberbos, permitindo que caíam em qualquer pecado impuro. Sê, pois, humilde, e não confies em tuas próprias forças

b) O segundo meio é recorrer imediatamente a Deus, sem entrar em diálogo com a tentação. Logo que se apresentar ao nosso espírito um pensamento impuro, devemos elevar a Deus imediatamente o nosso pensamento ou dirigi-lo a qualquer objeto indiferente. A coisa melhor será invocar imediatamente os Santíssimos Nomes de Jesus e Maria, e não cessar de repeti-los até desaparecer a tentação.

c) O terceiro meio é a recepção assídua dos Santos Sacramentos da Confissão e da Comunhão. É de suma importância revelar quanto antes ao confessor as tentações impuras. ‘Uma tentação revelada já está meio vencida’, diz São Filipe Néri. [...]

d) O quarto meio é a devoção à Imaculada Mãe de Deus, que é chamada a Virgem das Virgens. [...]



e) O quinto meio é a fuga da ociosidade. O Espírito Santo diz (Eclo 33, 21): ‘A ociosidade ensina muita coisa má’, isto é, ensina a cometer muitos pecados. E o profeta Ezequiel (Ez 16, 49), assevera que foi a ociosidade a causa das abominações e ruína final dos habitantes de Sodoma. [...] que esteja sempre ocupado, para que o demônio não o preocupe com suas tentações. ‘Quem trabalha é tentado por um demônio só; quem vive ocioso, é atacado por uma multidão deles’, diz São Boaventura.

f) O sexto meio consiste no emprego de todas as precauções exigidas pela prudência, tais como a modéstia dos olhos, a vigilância sobre as inclinações do coração, a fuga das ocasiões perigosas, [...].”

REFLEXÃO

A virtude da castidade é imprescindível. Aquele que a adquire, decerto, não é tão suscetível a todas as outras tentações quanto aquele que vive imerso em uma vida promíscua. O processo, porém, de aquisição da virtude da castidade pode vir a ser deveras turbulento, tendo em vista o mundo em que vivemos hoje.

Culturalmente, países como o Brasil, isto é, onde a cultura ocidental contemporânea cravou firmes raízes; países em que o conceito de família vem sendo dissolvido e reduzido a questões “temporais” e “materiais”; países em que os valores estão invertidos; é nítido que a modéstia perdeu lugar para a promiscuidade. Em outras palavras: independentemente da direção que olhamos, inclusive, lamentavelmente, para dentro de alguma igreja, nossos olhos serão atraídos por alguma coisa vulgar, exposta em demasia.

As tentações, desse modo, contra a castidade são corriqueiras em todos os ambientes e sempre apelam para os nossos sentidos humanos, de modo a nos estimular.

Concorre, pois, que essa é uma batalha difícil; mas não impossível. Em uma era em que a ocasião de pecado está, muitas vezes, do outro lado da rua, em ambientes que ora foram seguros; dentro do bolso de cada um, a virtude só é conquistada por aquele que possui um motivo poderoso, como diria o Padre Francisco Faus. Ou para aquele que trabalha a misericórdia e a castidade, sobretudo, no olhar.

Comecemos pelo primeiro e, a seguir, explicaremos o segundo:

Para a conquista das virtudes, é preciso um motivo forte. Esse motivo pode ser associado à caridade, à fé ou à esperança; também pode ser associado à Vocação e a vocação.

Em termos didáticos, portanto:

- Se o meu motivo está na caridade: eu busco as virtudes, pois entendo que é uma via de Amor ao Próximo.
- Se o meu motivo está na fé: eu busco as virtudes, pois acredito que me é uma via segura para o Céu.
- Se o meu motivo está na esperança: eu busco as virtudes, pois acredito nas promessas de salvação.
- Se o meu motivo está na Vocação e na vocação: eu busco as virtudes, pois acredito que elas são necessárias para a realização plena da minha missão na terra.

Cada uma dessas firmes convicções, ou ainda, o conjunto de todas elas, são firmes propósitos que me fazem alcançar as virtudes, incluindo, claro, a virtude da castidade.

Estando claro o motivo poderoso, resta compreender a via da misericórdia manifesta no olhar, principalmente.

Conforme o exposto, cotidianamente, pelo simples fato de vivermos e sairmos na rua, somos tentados pelo olhar. Convém, porém, notar o seguinte: a alma que cultiva a promiscuidade é uma alma perdida: ela não sabe o que é o Bom, o Belo e o Verdadeiro; ela não sabe o que é dignidade nem nada semelhante. Se soubesse, não se portaria assim.

Pela sua ignorância e pela vida que leva como consequência dessa ignorância, nós, com o conhecimento que temos da Verdade e do que aguarda aquela alma, somos chamados a olhar para ela com tristeza, piedade e misericórdia. Afinal, quando vejo alguém que se destitui da sua dignidade e escolhe por se sujar na lama da mentira, não é essa a postura que naturalmente tenho?

Tanto maior for a busca pelas virtudes em mim e quanto maior for o meu olhar piedoso e misericordioso para com o próximo, menores e mais fracas serão as ocasiões que Satanás irá utilizar, na minha vida, para me tentar contra a castidade se utilizando do próximo.

DA GUARDA DO CORAÇÃO

“Descrevendo São Paulo a corrupção moral dos gentios, enumerava entre seus vícios a falta de sentimento e de susceptibilidade para a amizade. A amizade, segundo Santo Tomás, é mesmo uma virtude. A perfeição não proíbe se entretenham as amizades, diz São Francisco de Sales; exige somente que sejam santas e edificantes, a saber, só devem ser mantidas aquelas uniões espirituais por meio das quais duas, três ou mais pessoas, comunicam entre si seus

exercícios de devoção, seus desejos piedosos e sentimentos nobres, tornando-se como que um só coração e uma só alma para a glória de Deus e o bem espiritual próprio e alheio [...].

Tais amizades são recomendadas pela Escritura mesma, em termos eloquentes: ‘Nada se pode comparar com o valor de um amigo fiel, e o valor do ouro e da prata não iguala a bondade de sua fidelidade’ (Eclo 6, 16).

[...]

3) Por amizades perigosas entendem-se, em particular, as sensuais, isto é, aquelas que se baseiam sobre uma complacência sensual, sobre a fruição comum de prazeres dos sentidos, sobre certas qualidades fúteis e vãs de espírito e coração. Essas amizades são já por si perigosas, mesmo que, no começo, nada tenham de inconveniente, e devemos guardar nosso coração desembaraçado delas.

[...]

Mas [dirá alguém] em nossas conversas, graças a Deus, não ocorre nada de mal, dirá alguém. Respondo: Todas as amizades que têm sua origem em afeições meramente materiais são, pelo menos, um grande impedimento à perfeição, ainda que não dessem ocasião a outras coisas. Elas, no mínimo, fazem-nos perder o espírito de oração e recolhimento interior; a alma que está presa por uma afeição natural poderá achar-se corporalmente na igreja, mas seu espírito estará se entretendo com o objeto de seu amor; perderá o amor aos Santos Sacramentos; não será mais sincera para com seu confessor, temendo que ele a obrigue a romper com essa cadeia e, envergonhando-se de lhe descobrir sua afeição, não lhe dirá a causa de sua tibieza, e assim se agrava, de dia para dia, seu estado lastimoso. Ao ouvir que fala mal da pessoa amada, se enfurece, defende-a calorosamente; descuida-se da obediência, pois quando o confessor a exorta a renunciar a tal amizade, procura mil desculpas para não ter de obedecer

É uma máxima aceita por todos os mestres da vida espiritual de que, neste ponto, não há outro remédio senão fugir e afastar-se da ocasião.”

REFLEXÃO

Não é incomum, por causa de ambientes de convívio, principalmente, as pessoas criarem relações que logo passam de coleguismo para a “amizade”.

A amizade é uma virtude desde que ela seja uma via de crescimento na santidade. Da amizade, se extraem benefícios mútuos que devem concorrer para isso. Se a amizade não se basear nas virtudes e na busca sincera pela santidade, então não há amizade, mas meramente um interesse que “uniu” pessoas semelhantes.

Ser amigo é desejar as mesmas coisas e rejeitar as mesmas coisas. Estará ao lado de outrem, e será capaz do amor verdadeiro (o do sacrifício) em função de outrem, somente quem partilhar de um árduo desejo de servir a Deus. Todas as demais características que definem a amizade: reciprocidade, honestidade, auxílio, conversa franca, etc., vão nascer e se enobrecer na proporção em que o princípio for nobre.

Não se deve confundir amizade com coleguismo. Por vezes, visto o meio que Deus nos insere, devemos nutrir, para com o próximo que não busca a santidade, uma relação de

cortesia e relativa proximidade, desde que Deus nos chame a evangelizar pelo exemplo. Do contrário, Santo Afonso Maria de Ligório é incisivo: amizades que desvirtuam devem ser cortadas e cessadas.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho, o número e o título da aula.
2. Qual o motivo da virtude da Castidade ser “excelente”? Por que é preciso vigiar constantemente sobre si mesmo para a adquirir?
3. Elabore suas anotações sobre os meios que Santo Afonso instrui a respeito da vigília sobre os Pensamentos.
4. Quando notamos que uma amizade não santifica, mas desvirtua, como devemos proceder? Considere o verdadeiro propósito da amizade para elaborar a sua resposta.

PROPOSTA DE REFLEXÃO

Com que frequência tenho sido tentado contra a castidade? Quais são as situações mais comuns em que isso acontece?

Toda tentação tem uma causa. Investigue a causa que o demônio se utiliza para o fazer apartar-se de Deus. Registre suas anotações no caderno e incremente com os meios sugeridos por Santo Afonso Maria de Ligório, para fins de delimitar uma via segura a fim de superar essas tentações.

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: LITERATURA BRASILEIRA E PORTUGUESA

– *Encíclica Pascendi Dominici Gregis, sobre as doutrinas modernistas, de São Pio X.*

SUGESTÕES DE LEITURA COMPLEMENTAR

- Indicação de Leitura: Catecismo Maior de São Pio X.
- A Roupa Nova do Imperador de Hans Christian Andersen.
- Porta da Humildade - Padre Francisco Faus.

ATENÇÃO

Neste volume, antes de introduzirmos as vanguardas modernistas e o modernismo em si, faz-se necessário uma pausa para profunda análise e reflexão sobre o que foi, de fato, para a História, as doutrinas modernistas. Para tal fim, **realize, ao longo deste volume, a leitura da**

ENCÍCLICA PASCENDI DOMINICI GREGIS, sobre as doutrinas modernistas,
DE SÃO PIO X.



AULA 16

OS REMÉDIOS PARA O MODERNISMO

Objetivo: destrinchar os remédios propostos para o Modernismo a partir da Carta Encíclica de São Pio X denominada “Pascendi Dominici Gregis”.

OS REMÉDIOS



esta torrente de gravíssimos erros, que às claras e às ocultas se vai avolumando, o Nosso Predecessor Leão XIII, de feliz memória, procurou energicamente levantar um dique, principalmente no que se refere às Sagradas Escrituras. Já vimos, porém, que os modernistas não se deixam facilmente intimidar; eis porque, aparentando o maior acatamento e a mais apurada humildade, inverteram as palavras do Pontífice do modo que lhes convinha, e propalaram que os atos do mesmo eram dirigidos a outros. Destarte o mal, dia a dia, foi tomando maiores proporções. É por isto, Veneráveis Irmãos, que decidimos lançar mãos, sem demora, de medidas mais enérgicas. [...]

No que se refere aos estudos, queremos em primeiro lugar e mandamos terminantemente, que a filosofia escolástica seja tomada por base dos estudos sacros. Bem se compreende que «se os doutores escolásticos trataram certas questões com excessiva argúcia, ou foram omissas noutras; se disseram coisas que mal se acomodam com as doutrinas apuradas nos séculos posteriores, ou mesmo alguma coisa inadmissível, mui longe está de nossa intenção querer que tudo isto deva servir de exemplo a imitar nos nossos dias

O que importa saber, antes de tudo, é que a filosofia escolástica, que mandamos adotar, é principalmente a de Santo Tomás de Aquino; a cujo respeito queremos fique em pleno vigor tudo o que foi determinado pelo Nosso Predecessor.

[...] promovei com toda a solícitude o estudo da teologia, de tal sorte que ao saírem dos seminários os clérigos lhe tenham alta consideração e profundo amor, e sempre o conservem carinhosamente. Porquanto é de todos sabido que na quase infinitude das disciplinas que se apresentam às inteligências ávidas do saber, é tão certo que à teologia cabe o primeiro lugar, que os antigos diziam que era dever das outras ciências e artes servirem-na e auxiliarem-na como escravas (Leão XIII, carta ap. In magna, 10 de dezembro de 1889).

Certo é que na atualidade, à teologia positiva se deve dar maior extensão que outrora; entretanto, isto se deve fazer de tal sorte que não seja de nenhum modo em detrimento da teologia escolástica, e sejam censurados como fautores do modernismo, aqueles que de tal modo elevam a teologia positiva que parece quase desprezarem a escolástica.

Quanto às disciplinas profanas, basta lembrar o que sabiamente disse o Nosso Predecessor (Alloc. de 7 de março de 1880): «Aplicai-vos diligentemente ao estudo das coisas naturais; pois, assim como em nossos dias as engenhosas descobertas e os úteis empreendimentos com sobeja razão são admirados pelos contemporâneos, da mesma sorte serão alvo de perenes louvores e encarecimentos dos vindouros». [...] «A causa de tais erros, se a investigarmos cuidadosamente, provém principalmente de que hoje, quanto maior intensidade se dá aos estudos das ciências naturais, tanto mais se descutam as disciplinas mais severas e mais elevadas; algumas destas são, de fato, quase atiradas ao esquecimento; outras são tratadas com pouca vontade e de leve, e, coisa indigna, perdido o esplendor de sua primitiva dignidade, são deturpadas por opiniões inverossímeis e por enormes erros. É esta a lei à qual mandamos que se conformem os estudos das ciências naturais nos seminários.

Todo aquele que tiver tendências modernistas, seja ele quem for, deve ser afastado quer dos cargos quer do magistério; e se já tiver de posse, cumpre ser removido.

Faça-se o mesmo com aqueles que, às ocultas ou às claras, favorecerem o modernismo, louvando os modernistas, ou atenuando-lhes a culpa, ou criticando a escolástica, os Santos Padres, o magistério eclesiástico, ou negando obediência a quem quer que se ache em exercício do poder eclesiástico; [...] Neste ponto, Veneráveis Irmãos, e particularmente na escolha dos lentes, nunca será demasiada a vossa solicitude e constância; porquanto, é o mais das vezes ao exemplo dos mestres que se formam os discípulos.

[...] Deus não vê com bons olhos os ânimos soberbos e rebeldes! A ninguém doravante se conceda a láurea da teologia ou direito canônico, se primeiro não tiver feito todo o curso de filosofia escolástica. Se, não obstante isto, ela for concedida, será nula.

Compete, outrossim, aos Bispos providenciar para que os livros dos modernistas já publicados não sejam lidos, e as novas publicações sejam proibidas. Qualquer livro, jornal ou periódico desse gênero não poderá ser permitido aos alunos dos seminários ou das Universidades católicas, pois daí não lhes proviria menor mal do que o que produzem as más leituras; antes, seria ainda pior, porque ficaria contaminada a mesma raiz da vida cristã. [...]

Querendo, Veneráveis Irmãos, dar-vos normas gerais em tão grave assunto, se em vossas dioceses circularem livros perniciosos, procurai energicamente proscrevê-los, condenando-os mesmo solenemente, se o julgardes oportuno.

[...] Com estas palavras, é verdade, concede-se um direito; mas, ao mesmo tempo, também se impõe um dever. Ninguém, contudo, julgue ter cumprido tal dever pelo fato de Nos remeter um ou outro livro, deixando entretanto muitíssimos outros serem publicados e divulgados. Nem se julguem desobrigados disto por terem ciência de que certo livro alcançou de outrem o Imprimatur, porquanto tal concessão pode ser falsa, como também pode ter sido por descuido, por excesso de benignidade, ou por demasiada fé no autor; e este último caso pode muito facilmente dar-se nas Ordens religiosas.

Se, por conseguinte, o Bispo, depois de ouvir o parecer de pessoas prudentes, julgar que em sua diocese deve ser condenado algum desses livros, damos-lhe para isto ampla faculdade, e até o honramos com este dever.

[...] investiguem com cuidado os vestígios do modernismo, tanto nos livros como no magistério, e com prudência, rapidez e eficácia providenciem quando houver mister pela preservação do clero e da mocidade.

Mas que aproveitariam, Veneráveis Irmãos, as Nossas ordens e as Nossas prescrições, se não fossem observadas como se deve com firmeza? Para o alcançarmos, pareceu-Nos bem estender a todas as dioceses o que desde muito anos os Bispos da Úmbria, com tanta sabedoria, resolveram entre si (Atas do Congresso dos Bispos de Úmbria, nov.1849, Tit. II art.6). «Para extirpar, diziam eles, os erros já espalhados e impedir que se continue a sua difusão, ou que haja mestres de impiedade que perpetuam os perniciosos efeitos produzidos por essa mesma difusão, seguindo o exemplo de São Carlos Borromeu, este sacro Congresso determina que em cada diocese se institua um conselho de homens eméritos dos dois cleros, com a incumbência de ver se, e de que modo, os novos erros se dilatam e se propagam, e dar aviso disto ao Bispo, para que de comum acordo se providencie para a extinção do mal logo que desponte e não tenha tempo de espalhar-se com detrimento das almas, nem, o que ainda seria pior, de se avigorar e crescer. Determinamos, pois, que em cada diocese se institua um semelhante Conselho, que se denominará Conselho de Vigilância. Os membros do Conselho serão escolhidos pelas normas já prescritas para os Censores dos livros. Reunir-se-ão de dois em dois meses, em dia determinado, em presença do Bispo; e as coisas tratadas ou resolvidas guardem-nas os Conselheiros com segredo inviolável.

Não se descuidem dos livros em que se tratar das piedosas tradições de cada lugar, ou das sagradas Relíquias. Não permitam que se ventilem tais questões em jornais ou em periódicos destinados a nutrir a piedade, nem com expressões que tenham ares de zombaria ou de desdém, nem com afirmações decisivas, particularmente, como quase sempre sucede, quando o que se afirma não passa as raías da probabilidade ou quando se baseia em opiniões e preconceitos. – Acerca das sagradas Relíquias tomem-se as seguintes normas: se os Bispos, que são os únicos juízes nesta matéria, reconhecerem com certeza que uma relíquia é falsa, sem demora a subtrairão ao culto dos fiéis. Se, por ocasião de perturbações civis ou por outro motivo, se tiverem extraviado os documentos de autenticidade de uma Relíquia qualquer, não seja exposta à veneração do povo, sem que primeiro tenha sido reconhecida pelo Bispo. Só terá valor o argumento de prescrição ou de presunção fundada, quando o culto for recomendável pela sua antiguidade, conforme o Decreto da Congregação das Indulgências e das sagradas Relíquias, do ano de 1896, expresso nestes termos: «As antigas Relíquias devem ser conservadas na veneração que tiverem até agora, salvo se em casos particulares se tiverem provas certas de que são falsas ou supositícias. – Nos juízos a emitir acerca das pias tradições, tenha-se sempre diante dos olhos a suma prudência de que usa a Igreja nesta matéria, de não permitir que essas tradições sejam relatadas nos livros sem as determinadas precauções, e com a prévia declaração prescrita por Urbano VIII; e apesar disto, ainda não se segue que a Igreja tenha o fato por verdadeiro, mas apenas não proíbe que se lhe dê crédito, uma vez que para

isto não faltem argumentos humanos. Foi isto precisamente o que, há trinta anos, a Sagrada Congregação dos Ritos declarou.

CONCLUSÃO

Julgamos oportuno escrever-vos estas coisas, Veneráveis Irmãos, a bem da salvação de todos os fiéis. Por certo os inimigos da Igreja hão de valer-se disto, para de novo repisarem a velha acusação, com que procuram fazer-Nos passar por inimigos da ciência e dos progressos da civilização. A fim de opormos um novo desmentido a tais acusações, que são desfeitas a cada página da história da Igreja, é Nosso propósito conceder todo o auxílio e proteção a uma nova Instituição, pela qual sob o influxo da verdade católica, será promovida toda a sorte de ciências e erudições, com o concurso dos católicos mais insignes no saber [...] executeis com todo o ardor e fortaleza. Que vos assista com seu poder Jesus Cristo, autor e consumidor da fé; que vos assista com o seu socorro a Virgem Imaculada, destruidora de todas as heresias. E Nós, como penhor da Nossa afeição e como arras das divinas consolações no meio de vossos trabalhos, de coração vos damos a vós, ao vosso clero, e ao vosso povo a Bênção Apostólica.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Liste abaixo as recomendações de São Pio X para lidar com a afronta dos modernistas. Essas sugestões permanecem atuais e possíveis?
2. Escreva as suas observações particulares sobre os meios indicados por São Pio X para lidar com os modernistas.
3. O estudo da teologia é imprescindível para o católico que deseja crescer na fé. Entretanto, há degraus que devem ser transpassados antes do estudante adentrar em uma densa e profunda obra como, por exemplo, a Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino.

Assim, é indicado um estudo progressivo. Busque três livros, de um mesmo Santo, de preferência, que realizam essa progressão.

4. São Pio X menciona várias virtudes que servem de remédio para o veneno dos modernistas. Quais são essas virtudes e o que elas significam?

A seguir, leia o conto de Hans Christian Andersen “O Príncipe Mau”, realize uma reflexão sobre o conto e o relacione com a Encíclica de São Pio X. Abaixo, registre as suas observações:

O PRÍNCIPE MAU

Hans Christian Andersen

“Era uma vez um príncipe mau e arrogante cujo único pensamento era vencer todos os países do mundo e espalhar o terror com seu nome. Avançava com fogo e espada. Seus soldados espezinhavam as searas nos campos, ateavam fogo

às casas dos camponeses, de modo que as chamas rubras lambiam as folhas das árvores e os frutos pendiam crestados nos ramos enegrecidos.

Muitas mães infelizes se escondiam com os filhos ainda bebês, nus, por detrás das paredes fumegantes, e os soldados as procuravam e encontravam, a elas e às crianças, começando, então, sua diabólica alegria. Espíritos maus não podiam fazer pior, mas ao príncipe parecia que assim é que devia ser.

Dia a dia cresceu o seu poder, seu nome tornou-se temido por todos e sua sorte o acompanhou em todas as ações. Das cidades conquistadas levou ouro e grandes tesouros. Amontou-se, assim, na sua cidade real, uma riqueza que não havia igual em qualquer outro lugar. Mandou, pois, construir belos palácios, igrejas e arcadas, e todos os que viam tal magnificência diziam:

— Que grande príncipe!

Não pensavam na miséria que tinham levado aos outros países, não ouviam os suspiros e os lamentos que soavam nas cidades incendiadas.

O príncipe olhava para o seu dinheiro, olhava para os seus belos edifícios e pensava, então, como muitos: "Que grande príncipe! Eu quero ter mais! Muito mais! Nenhum poder deve se nomear igual e muito menos maior do que o meu!". Desse modo, entrou em guerra com todos os vizinhos e a todos venceu. Aos reis vencidos mandou atrelar com correntes de ouro à sua carruagem quando passava pelas ruas. E, se sentava à mesa, tinham de deitar-se a seus pés e aos dos cortesãos e apanhar as migalhas de pão que aqueles lhes lançavam.

Então o príncipe mandou erguer sua estátua nos mercados e nos palácios reais. Sim, quis mesmo que ficasse nas igrejas, diante do altar do Senhor, mas os sacerdotes disseram:

— Príncipe, tu és grande, mas Deus é maior. Não ousamos fazer isso!

— Bem — disse o príncipe mau —, então conquisto Deus também!

E na arrogância e na loucura do seu coração mandou construir uma nave artificiosa, na qual podia viajar pelo ar. Era multicolor como a cauda do pavão e parecia guarnecida com mil olhos, mas cada olho era um cano de espingarda. O príncipe se sentou no meio da nave, precisava apenas pressionar uma mola, logo eram disparados milhares de balas, e as espingardas eram recarregadas como antes. Centenas de fortes águias foram atreladas na frente da nave, que voou na direção do Sol. A terra ficou lá no fundo. Primeiro parecia, com



as suas montanhas e bosques, apenas como um campo não lavrado, onde rompia o verde de torrões revolidos. Depois parecia com o planisfério e logo ficou encoberta completamente em neblina e nuvens. As águias voavam cada vez mais alto.

Então Deus enviou um dos seus inumeráveis Anjos e o príncipe mau mandou disparar milhares de balas contra ele, mas as balas tombaram como granizo das asas brilhantes do Anjo. Uma gota de sangue, apenas uma, gotejou das penas brancas das asas e esta gota caiu na nave onde estava o príncipe. Incendiou-se, pesou como mil quintais de chumbo sobre a nave e arrastou-a em furiosa velocidade para baixo, para a terra.

As asas fortes das águias se quebraram, o vento zuniu junto à cabeça do príncipe e as nuvens à sua volta - produzidas pelas cidades incendiadas formaram figuras ameaçadoras, como caranguejos do comprimento de uma milha que estendiam as fortes tenazes para ele, como rolantes fragmentos de rocha e dragões cuspidos fogo. Meio morto, ficou. deitado na nave, que por fim restou suspensa entre espessos troncos de árvores do bosque.

— Hei de vencer Deus! — disse ele. — Jurei-o, a minha vontade há de ser feita!

E durante sete anos mandou construir naves artificiosas para atravessar os ares, mandou forjar raios do aço mais duro, pois queria fazer explodir a fortaleza do céu. De todas as suas terras reuniu grandes exércitos, que cobriam uma área de várias milhas, onde os homens estavam dispostos uns ao lado dos outros. Subiam nas naves, o próprio rei se aproximava, quando Deus mandou um enxame de mosquitos, um só enxamezinho de mosquitos, que zumbiu à volta do rei e lhe picou o rosto e as mãos. Ele puxou encolerizado a espada mas apenas golpeou o ar, aos mosquitos não conseguiu atingir. Ordenou, então, que lhe fossem trazidos tapetes preciosos, que deviam ser enrolados à sua volta.

Nenhum mosquito poderia penetrar neles com o seu ferrão, e assim se fez como ordenou. Mas um único mosquito se infiltrou no interior do tapete, deslizou para o ouvido do rei e aí o mordeu. Ardia como fogo, o veneno subiu ao cérebro, o príncipe se desprende, lançou fora os tapetes, rasgou as roupas e dançou nu diante dos soldados rudes e brutais, que agora desprezavam o príncipe louco que queria tomar o lugar de Deus e logo fora vencido por um só mosquitinho.”

The image shows a decorative book cover. It features a central rectangular area with a white background. In the center of this area is a horizontal label with a decorative border, containing the text "LITERATURA – VOLUME 5". Above and below this label are two semi-circular decorative elements, each with a horizontal line and two small circles at its ends. The entire central area is framed by a wide, ornate border. This border consists of a repeating diamond pattern on the outer edges and a more complex, swirling floral and leaf pattern on the inner edges. The corners of the border are decorated with stylized floral motifs. The overall design is symmetrical and elegant.

LITERATURA – VOLUME 5

LITERATURA CATÓLICA

PLANEJAMENTO CURRICULAR: LITERATURA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – VOLUME 05

LITERATURA CATÓLICA

Século XIX:

– O Santo Cura d’Ars (1786 – 1859).

Obras selecionadas:

– A esfera e a cruz, de G. K. Chesterton.

LINHA DO TEMPO DOS SANTOS

Durante o Ensino Médio elaboraremos uma linha do tempo de todos os Santos que foram apresentados na disciplina de Língua Portuguesa.

Encontre a imagem apresentada no modelo abaixo, ou semelhante, ou faça a ilustração. Elabore e ordene a linha do tempo de acordo com as datas de nascimento e falecimento de cada Santo. Sugerimos que utilize sempre a folha de papel sulfite na posição horizontal, para estabelecer um padrão e para que seu trabalho fique organizado.

Abaixo de cada imagem você deverá acrescentar uma frase significativa de autoria do Santo, ou que remeta a ele, e deverá memorizá-la.

Ao término do Ensino Médio, você poderá encadernar estas folhas e recordar, com gratidão, todas as graças e ensinamentos que Deus foi lhe concedendo por meio da leitura e do aprendizado da vida de cada exemplo de santidade!

Analise e siga o modelo:

SÉCULO XIX



São João Maria Vianney (1786 dC – 1859 dC)

LEITURA MENSAL

INTRODUÇÃO À OBRA *A ESFERA E A CRUZ*

Escrito por G. K. Chesterton, *A Esfera e a Cruz* narra, como ponto de partida, a história entre dois escoceses, um jovem católico e um editor ateu, que se desafiam a um duelo de espadas até a morte por suas convicções a respeito do paradoxo central da fé cristã: a maternidade da Virgem Maria.

Assim como outras obras do autor, este romance é repleto de personagens tipos, ou seja, personagens de caráter simbólico que refletem figuras e ações da realidade dentro de um contexto histórico e cultural. Portanto, para bem compreender a construção dos personagens que serão apresentados ao longo da leitura, é necessário que se tenha conhecimento do contexto que abarca a narrativa.

Para isso, indicamos que as atividades propostas sejam feitas utilizando a edição de *A Esfera e a Cruz* publicada pela Sociedade Chesterton Brasil, uma vez que esta apresenta importantes comentários que possibilitarão a boa compreensão desta obra chestertoniana.

Esta obra de leitura dinâmica e envolvente conta com diálogos brilhantes e de grande profundidade, contraposição de símbolos, personagens bem articulados e muito bom humor, além de apresentar um final totalmente inesperado!

A ESFERA E A CRUZ

Referência Bibliográfica

CHESTERTON, Gilbert Keith. **A Esfera e a Cruz**. Tradução: Elton Mesquita. Porto Alegre: Instituto Hugo de São Vítor, 2020. 396 p. ISBN 978-65-87043-03-6.

ATIVIDADES

1. Ficha de leitura:

- Nome da obra.
- Autor.
- Editora.
- Número de páginas.
- Ano da publicação.

Capítulo I – Uma discussão um tanto aérea

1. Por que o professor Lúcifer levou o monge Michael até a Catedral de São Paulo?
2. Interprete o trecho: “Vocês começam destruindo a cruz, mas terminam por destruir todo o mundo habitável”.

3. Qual foi o destino dado ao monge Michael? Por quê?

Capítulo II – A religião do magistrado

4. Qual era a atenção dada às publicações de Mr. Turnbull?

5. Por que Evan MacIan quebrou a janela do escritório do editor de *O Aten*?

6. Por que o magistrado não acreditava nas respostas de Evan MacIan?

Capítulo III – Alguns itens curiosos e antigos

7. O que há de irônico na postura de Mr. Gordon quanto ao duelo de espada dos dois escoceses?

Capítulo IV – Uma discussão ao amanhecer

8. O que fez com que MacIan sentisse que o duelo pela religião era a coisa certa a fazer?

9. Por que MacIan odiava Turnbull? E por que eles não deveriam postergar seu duelo?

Capítulo V – O pacificador

10. Como MacIan explica a diferença entre assassinato e derramamento de sangue?

11. O que o pacificador fez de contraditório? Justifique.

Capítulo VI – O outro filósofo

11. Por que os duelistas se encontravam sozinhos no mundo moderno?

12. Wimpey era convicto do que dizia? Justifique.

Capítulo VII – A aldeia de Grassley-in-the-Hole

13. Por que MacIan escolheu o habitante meio bêbado da aldeia para julgar seu conflito com Turnbull?

Capítulo VIII – Um interlúdio de discussão

14. Como MacIan explica o cristianismo estar sempre fora de moda?

Capítulo IX – Uma estranha dama

15. Por qual crime MacIan e Turnbull seriam presos?

Capítulo X – As espadas tornam a cruzar-se

16. Por que a moça salvou MacIan e Turnbull?

Capítulo XI – Escândalo da aldeia

17. Quem eram M. Camille Bert e o conde Gregory na verdade? Por que estavam disfarçados?

Capítulo XII – A ilha deserta

18. O que impediu o duelo entre o católico e o ateu neste capítulo?

Capítulo XIII – O jardim da paz

19. Quem o homem de chapéu panamá afirmava ser?

Capítulo XIV – Um museu de almas

20. Por que o médico já tinha todos os dados sobre MacIan e Turnbull?

Capítulo XV – O sonho de MacIan

21. Como MacIan soube que a figura de seu sonho não era um anjo?

Capítulo XVI – O sonho de Turnbull

22. Por que Turnbull acreditava que o homem revolucionário era o demônio?

Capítulo XVII – O idiota

23. Como MacIan e Turnbull conseguiram escapar de suas celas?

Capítulo XVIII – O enigma dos rostos

24. O que fez com que Beatrice Drake fosse considerada lunática?

Capítulo XIX – A última conversa

25. Quem os amigos inimigos odiavam mais do que um ao outro?

Capítulo XX – Dies Irae

26. O que o Mestre fez para tentar transformar o duelo entre MacIan e Turnbull em um mito?

27. Quem era o Mestre? E quem era o homem da cela A?



AULA 18

O CATECISMO DO SACERDOTE DE SANTO CURA D'ARS

Objetivo: compreender o valor de um sacerdote a partir dos escritos de Santo Cura d'Ars.

O SACERDOTE

“Meus filhos,



hegamos ao sacramento da Ordem. É um sacramento que parece não dizer respeito a toda gente. Este sacramento eleva o homem até Deus. Que é o sacerdote? “Um homem que ocupa o lugar de Deus, um homem que é revestido de todos os poderes de Deus”. “Ide, diz Nosso Senhor, ao sacerdote. Assim como o Pai me enviou, assim eu vos envio. Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide, pois, instrui todas as nações. Quem vos escuta a mim escuta, quem vos despreza a mim despreza”.

Quando o padre perdoa os pecados, ele não diz: “Deus vos perdoe”, mas, sim: “Eu vos absolvo”. Na consagração não diz: Isto é o corpo de Nosso Senhor, porém: Isto é o meu Corpo.

S. Bernado diz que tudo nos vem por Maria. Pode-se dizer também que também que tudo nos vem pelo sacerdote: sim, todas as venturas, todas as graças, todos os dons celestes.

Se não tivéssemos o sacramento da Ordem, não teríamos Nosso Senhor. Quem o pôs aí nesse tabernáculo? O padre. Quem a alimenta para lhe dar a força de fazer sua peregrinação? O padre. Quem a prepara para comparecer perante Deus, lavando essa alma pela primeira vez no Sangue de Jesus Cristo? O padre, sempre o padre. E si ela vier a morrer, quem a ressuscitará? Quem lhe restituirá a calma e a paz? Ainda o padre. Não vos podeis lembrar de um só benefício de Deus sem encontrardes, ao lado dessa lembrança, a imagem do padre.



Ide-vos confessar à Santíssima Virgem ou a um anjo: eles vos absolverão? Não. Dar-vos-ão o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor? Não. A Santíssima Virgem não pode fazer descer se divino Filho à hóstia. Tivésseis aí duzentos anjos, eles não poderiam absolver-nos. Um padre, por mais humilde que seja, pode-o. Pode dizer-vos: “Ide em paz, eu vos perdoo”. Oh! Como é grande o padre!

O padre só será bem compreendido no céu... Se o compreendêssemos na terra, morreríamos, não de pavor, mas de amor...

Os outros benefícios de Deus de nada nos valeriam sem o padre. De que serviria uma casa cheia de ouro, si não tivésseis quem vos abrisse a porta? O padre tem a chave dos tesouros celestes. É ele quem abre a porta. Ele é o ecônomo de Deus, o administrador dos seus bens.

Si não fosse o padre, a morte e a paixão de Nosso Senhor de nada serviriam. Vede os povos selvagens: que lhes adiantou ter morrido Nosso Senhor? Ai! Eles não poderão gozar dos benefícios da redenção, enquanto não tiverem padres que lhes apliquem o precioso Sangue.

O padre não é padre para si: não dá a si absolvição, não administra a si os sacramentos. Ele não é para si, é para vós.

Depois de Deus, o sacerdote é tudo... Deixai uma paróquia vinte anos sem padre, adorarão ali os animais.

Se o sr. Missionário e eu nos fôssemos embora, vós diríeis: “Que fazer nesta igreja? Não há mais missa, Nosso Senhor não está mais nela, tanto vale rezar em casa...”

Quando se quer destruir a religião, começa-se por atacar o padre, porque onde quer que não haja padre, não haverá mais sacrifício, e onde não houver mais sacrifício, não haverá mais religião.

Quando o sino vos chama à Igreja, si vos perguntassem: “onde ides?” poderíeis responder: “Vou alimentar minh’alma”. Se vos perguntassem, apontandovos o tabernáculo: “De que é essa porta dourada? — É do refeitório de minha alma. — Quem é que tem a chave dele, quem faz as provisões, quem apronta o festim, quem serve à mesa? — É o padre. — E a comida? — É o precioso Corpo de Nosso Senhor...” Ó meu Deus, meu Deus, como nos amastes!...

Vede o poder do padre! A palavra do padre, de um pedaço de pão faz um Deus! É mais do que criar o mundo. Perguntou alguém: “Santa Filomena obedece ao Cura d’Ars?” Certo, ela bem pode obedecer-lhe, já que Deus lhe obedece.

Se eu encontrasse um padre e um anjo, cumprimentaria o padre antes de cortejar o anjo. Este é o amigo de Deus, mas o padre faz às vezes de Deus... Santa Teresa beijava o lugar por onde um padre havia passado...

Quando virdes um padre dizer: “Eis aquele que me tornou filho de Deus e me abriu o céu pelo santo batismo, aquele que me purificou depois do meu pecado, que alimenta minha alma... À vista de um campanário podeis dizer: “Que há ali naquela igreja? — O Corpo de Nosso Senhor. — E por que está Ele ali? — Porque um padre ali passou e disse missa”.

Que alegria tinham os apóstolos depois da ressurreição de Nosso Senhor por verem o mestre que tanto amavam! O padre deve ter a mesma alegria vendo Nosso Senhor entre seus dedos... Dá-se grande valor aos objetos tocados na escudela da SS. Virgem e do Menino Jesus em Loreto. Mas, os dedos do padre, que tocam a Carne adorável de Jesus Cristo, que mergulham no cálice onde está o seu Sangue, no cibório onde está o seu Corpo, não são, porventura, mais preciosos?...

O sacerdote é o amor do Coração de Jesus. Quando virdes o padre, pensai em Nosso Senhor Jesus Cristo.”

PROPOSTA DE REFLEXÃO

A partir do exposto, separe um tempo para meditar a respeito do que é um sacerdote e as comparações que o Santo Cura d’Ars faz entre ele, a Santíssima Virgem Maria e os Santos Anjos.

A seguir, elabore suas anotações no caderno.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Questão 1. Onde quer que a Santa Igreja seja perseguida, a perseguição principal é contra os Sacerdotes. Explique o motivo.

Questão 2. Sem sacerdócio, é possível que possamos acessar a Deus? Considere o escrito e explique.

Questão 3. O Santo Cura d’Ars escreve que a Paixão de Cristo nada nos serviria se não houvesse o sacerdote. Com as suas palavras, explique o sentido dessa constatação.

Questão 4. Quais as consequências de se deixar uma igreja sem sacerdote?

AULA 19

CUBISMO E DADAÍSMO

Objetivo: apresentar a vertente do Cubismo e a vertente do Dadaísmo a partir dos manifestos originais da época.

APOLLINAIRE (1880-1918)



Considerado como o mais importante expoente do Cubismo, Guillaume Apollinaire foi um poeta, escritor e crítico de arte franco-polonês. Sua obra foi marcada por uma notável experimentação formal e uma visão vanguardista que desafiou as convenções literárias de sua época. Apollinaire é frequentemente associado ao movimento cubista e ao surrealismo, influenciando gerações posteriores de poetas e artistas.

Nascido em Roma, Itália, Apollinaire passou sua juventude em diferentes países europeus devido à carreira diplomática de sua mãe. Em 1901, mudou-se para Paris, onde se envolveu com círculos literários e artísticos, tornando-se amigo próximo de figuras como Pablo Picasso e André Salmon.



O CUBISMO – APOLLINAIRE

Na cultura francesa, o cubismo foi a tradução mais concreta das Vanguardas Europeias. Uma das características das artes, no decorrer do século XX, é a mútua influência entre si, para fins de descobrir novas técnicas de pintura, expressões literárias e afins. Nesses ambientes, poetas e pintores partilhavam seus ideais e entendimento a respeito das possibilidades de renovação artística.

Ora a fonte era filosófica, ora a fonte era teórica. Esse processo deságua no Cubismo que, nas artes, almeja expressar o mundo através de representações geométricas. Esse mesmo princípio viria a ser aplicado na produção literária poética, mas visando mais uma sobreposição da realidade, conforme a forma mais adequada de sua apresentação.

Mediante ousada proposta, visto que implica na quebra das formas poéticas, o Cubismo não teria sobrevivido sem a figura de Apollinaire. Escreve Gilberto Mendonça Teles: “no desejo de transmitir a estrutura toral do objeto, os cubistas começaram a decompor as formas

em diferentes planos geométricos e ângulos retos, que se interceptam e sucedem. Tentavam sugerir a representação do objeto sob todos os seus aspectos [...] como se tivesse sido contemplado de diferentes ângulos.”

Essa informação é pertinente, pois não existe manifesto poético dos cubistas, apenas algumas observações avulsas escritas por Apollinaire:

- “Os grandes poetas e os grandes artistas têm por função social remover continuamente a aparência que reveste a natureza, aos olhos dos homens. Sem os poetas, sem os artistas, os homens aborrecer-se-iam depressa com a monotonia natural. A ideia sublime que eles têm do universo cairia com vertiginosa rapidez. A ordem, que aparece na natureza e que não é senão um efeito da arte, logo se evaporar. Tudo se desmancharia no caos. Não mais estações, não mais civilização, não mais pensamento, não mais humanidade, não mais vida, e a impotente escuridão reinaria para sempre. Os poetas e os artistas determinam e concertam a imagem de sua época e docilmente o futuro se amolda ao seu gosto.”



“Violão e clarinete” (1920), pintura cubista de Juan Gris.

O DADAÍSMO

O movimento Dadá (como foi denominado o Dadaísmo no início) surge a partir da junção de três tendências das Vanguardas Europeias, elas são:

- Futurismo.
- Expressionismo.
- Cubismo.

Embora o alcance do Dadaísmo tenha sido internacional, graças à capacidade do movimento de germinar em vários locais ao mesmo tempo, alguns historiadores da literatura sustentam que o berço mais preciso está em Zurique, cidade europeia relativamente pacífica no período da Primeira Guerra Mundial.

Segundo Gilberto Mendonça, o principal motivo que deu forma e conteúdo ao Dadaísmo foi a incerteza quanto à vitória ou derrota na guerra. Nitidamente, os adeptos do movimento sabiam que uma cultura seria dominante após o término do conflito. Assim, sua pretensão foi a de se opor a qualquer tipo cultural que viesse a predominar.



Roda de bicicleta (1913) de Marcel Duchamp.

Se opor a algo implica em se distinguir. Por isso, os dadaístas, sob liderança de Tristan Tzara (1896-1963), se autodenominam “dadás” e se consolidam como “o mais radical movimento intelectual dos últimos tempos, superando pela intensidade e dimensões estéticas, os grandes movimentos de pessimismo e ruptura no final do século XIX”.

Simplificando:

- O futurismo se comprometeu a combater o passado.
- O expressionismo via a destruição do mundo e o advento do caos, que seria o realizador de uma “nova ordem”.
- O Cubismo tentava captar a realidade através das formas para a “concertar”.
- O Dadaísmo se opunha ao mundo conforme este se apresentava. Assim, pretenderam elaborar uma arte sem princípio e fim algum, além da oposição e destruição.

MANIFESTO DADÁ 1918 DE TZARA TRISTAN

“Para lançar um manifesto é preciso querer: A.B.C., fulminar 1, 2, 3, enervar e aguçar as asas para conquistar e espalhar pequenos e grandes a, b,. c, assinar, gritar, blasfemar, arrumar a prosa sob uma forma de evidência absoluta, irrefutável, provar seu non plus ultra e sustentar que a novidade assemelha-se à vida como a última aparição de uma prostituta prova o essencial de Deus. Sua existência foi já provada pelo acordeão, pela paisagem e pela palavra doce.

Impor seu A.B.C. é uma coisa natural - portanto lamentável. Todo o mundo o faz sob uma forma: sistema monetário, produto farmacêutico, [...]. O amor da novidade é a cruz simpática, faz prova de um não-me-importismo ingênuo, sinal sem causa, passageiro, positivo. Mas esse desejo está também envelhecido. Dando à arte o impulso da suprema simplicidade: novidade, pode-se ser humano e verdadeiro para com o divertimento, impulsivo, vibrante para crucificar o tédio. Na encruzilhada das luzes, alerta, atento, espreitando os anos, na floresta. Eu redijo um manifesto e não quero nada, eu digo, portanto, certas coisas e sou por princípio contra os. manifestos, como sou também contra os princípios [...] Eu redijo este manifesto para mostrar que é possível fazer as ações opostas simultaneamente, numa única fresca respiração; sou contra a ação; pela contínua contradição, pela afirmação também, eu não sou nem para nem contra e não explico por que odeio o bom-senso.

Dadá não significa nada.

Se a gente acha fútil e se a gente não perde seu tempo com uma palavra que não significa nada... O primeiro pensamento que volta a essas cabeças é de ordem bacteriológica: encontrar sua origem etimológica, histórica ou psicológica, pelo menos. Sabe-se pelos jornais que os negros Krou denominam a cauda de uma vaca santa: DADÁ. O cubo é a mãe em certa região da Itália: DADÁ. Um cavalo de madeira, a ama de leite, dupla afirmação em russo e em romeno: DADÁ. [...]

Não se constrói a sensibilidade sobre uma palavra; toda construção converge para a perfeição que aborrece, ideia estagnante de um pântano dourado, relativo produto humano. A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque a beleza está morta; nem alegre nem triste, nem clara nem obscura, [...] Uma obra de arte jamais é bela, por decreto, objetivamente, para todos. A crítica é portanto inútil, não existe senão subjetivamente, para cada um, e sem o menor caráter de generalidade. [...] Como querer ordenar o caos que constitui esta infinita informe de variação: o homem? O princípio: «ama teu próximo». é uma hipocrisia. «Conhece-te» é uma utopia, porém mais aceitável porque contém a maldade. Nada de piedade. Após a carnificina, resta-nos a esperança de uma humanidade purificada.

Eu falo sempre de mim já que não quero convencer, eu não tenho o direito de arrastar outros em meu rio, eu não obrigo ninguém a me seguir e todo o mundo faz sua arte à sua maneira, [...] Nós não reconhecemos nenhum teoria. Temos bastantes academias cubistas e futuristas: laboratórios de ideias formais. Faz-se arte para ganhar dinheiro e acariciar os gentis burgueses? [...] A moral determinou a caridade e a piedade, duas bolas de sebo que cresceram como os elefantes, como os planetas que nós julgamos bons. Elas não têm nada de bondade. A bondade é lúcida, clara e decidida, implacável para o compromisso e para a política. A moralidade é a infusão do chocolate nas meias de todos os homens. Essa nódoa não é ordenada por uma força sobrenatural, mas pelo traste dos comerciantes de ideias e pelos monopolistas universitários.

Eu proclamo a oposição de todas as faculdades cósmicas a essa blenorragia de um sol pútrido saído das usinas do pensamento filosófico, a luta encarniçada, com todos os meios no...

NOJO DADAÍSTA

Todo produto do nojo susceptível de se tornar uma negação da família é dadá: protesto com os punhos de todo o seu ser em ação destruidora: DADA; conhecimento de todos os meios rejeitados até o presente pelo sexo pudico do compromisso cômodo da polidez:

DADÁ; abolição da lógica, dança dos impotentes da criação: DADÁ; de toda hierarquia e equação social instalada para os valores pelos nossos criados: DADÁ; cada objeto, todos os objetos, os sentimentos e as obscuridades, as aparições e o choque preciso das linhas paralelas são meios para o combate: DADÁ; abolição da memória: DADÁ, abolição da arqueologia [...]

DADÁ; abolição dos profetas: DADÁ; abolição do futuro: DADÁ; crença absoluta indiscutível em cada deus produto imediato da espontaneidade: DADÁ; salto elegante e sem prejuízo da harmonia à outra esfera; trajetória de uma palavra lançada como um disco sonoro grito; respeitar todas as individualidades na sua loucura do momento: sério, temeroso, tímido, ardente, vigoroso, decidido, entusiasta; livrar sua igreja de todo acessório inútil e pesado; escarrar como uma cascata luminosa o pensamento descortês ou amoroso, ou acariciá-lo — com a viva satisfação de que é inteiramente igual — com a mesma intensidade no espinal, puro de insetos para o sangue bem nascido, e dourado de corpos de arcanjos, de sua alma.

Liberdade: DADÁ, uivos das dores crispadas, entrelaçamento dos contrários e de todas as contradições, dos grotescos, das inconsequências: A VIDA.”

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Questão 1. Qual o maior anseio dos cubistas?

Questão 2. Qual a utilidade que os cubistas atribuem à arte e à literatura?

Questão 3. Apresente um breve resumo sobre a escolha do termo “dadá” pelos dadaístas.

Questão 4. Por qual motivo os dadaístas são considerados como o movimento artístico-literário mais radical do século XX?

Questão 5. Em resumo, quais as pretensões do dadaísmo segundo Tzara Tristan?

Questão 6. Até o momento, algum movimento de vanguarda aspirou produzir a arte nos conformes do verdadeiro sentido da criação artística? Exponha, a seguir, o propósito de cada vanguarda e a sua associação (se houver) com o propósito da arte.

Questão 7. Contra-argumente, com base em seus conhecimentos e reflexões, a seguinte afirmação dadaísta: “O princípio: «ama teu próximo» é uma hipocrisia.”